



PUC
RIO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA

LUDMILA KLOOSTERMAN GELLI

**UM ESTUDO DO MASOQUISMO:
DO PERCURSO EM FREUD À PERVERSÃO EM LACAN**

Rio de Janeiro

2025

LUDMILA KLOOSTERMAN GELLI

**UM ESTUDO DO MASOQUISMO:
DO PERCURSO EM FREUD À PERVERSÃO EM LACAN**

Monografia apresentada ao Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em psicologia.

Orientador: Guilherme Gutman

Rio de Janeiro
2025

Quero expressar o desejo de que a sorte proporcione um caminho de elevação muito agradável a todos aqueles que acharam a estada no submundo da psicanálise desagradável demais para o seu gosto. E possamos nós, os que ficamos, desenvolver até o fim, sem atropelos, nosso trabalho nas profundezas.

Sigmund Freud, *A história do movimento psicanalítico*

AGRADECIMENTOS

Ao Guilherme Gutman, pela orientação cuidadosa, que criou o espaço para que eu pudesse me arriscar, pelo auxílio decisivo na escolha do recorte do tema e pelas valiosas indicações conceituais e cinematográficas.

Ao Fernando Tenório, cuja presença guiou meu último ano de formação, pelas indicações conceituais que surgiram ao acaso e se tornaram imprescindíveis e pela sensibilidade e assertividade nas supervisões. Mas, principalmente, pela dedicação à psicanálise, que acionou em mim o desejo de seguir por essa via.

Ao Charles Watson, cujo rigor tem me ensinado a discernir o que realmente é importante.

À Híppia, pela presença constante nos últimos anos.

Ao Gustavo, por acreditar desde o início que, pela psicanálise, eu poderia construir um caminho possível.

À Jessica, por me ensinar, desde sempre, a ultrapassar a superfície.

À Yasmin, cuja força e resiliência me inspiram diariamente.

À Lúcia, por me inspirar e por trilhar, antes de mim, caminhos possíveis na psicanálise.

À Fernanda, Manoela e Nicole, que, com delicadeza e presença, tornam o caminho mais leve.

Ao Antonio, cuja presença e apoio me sustentaram ao longo do processo, e, sobretudo, por me ensinar a olhar a vida sob outra perspectiva.

RESUMO

Investiga-se o campo enigmático em que se inscreve o masoquismo, a partir das diversas formas que assume ao longo da obra freudiana e de sua especificidade como perversão, cuja formulação recebe contribuições valiosas na leitura de Lacan. No contexto da primeira tópica, o conceito é examinado como uma dimensão da sexualidade, em articulação com a teoria das pulsões e com as formações da fantasia. Em um segundo momento, analisa-se a elaboração freudiana posterior à introdução da pulsão de morte, quando o masoquismo passa a ser concebido como um traço estrutural. São abordadas as distinções entre o masoquismo primário, o feminino e o moral, bem como o modo pelo qual o sentimento de culpa se enlaça a este último. A partir da noção de *Verleugnung*, o percurso segue, então, para as formulações de Lacan, com destaque para o ponto de ancoragem das perversões, investigando como, na vertente masoquista, a posição de objeto e a submissão à lei intensificam a extração de gozo na cena perversa. Por fim, o cinema é convocado, nas figuras de Séverine (*Belle de Jour*, 1967) e Vaughan (*Crash*, 1996), como recurso de leitura que contribui para sustentar e ilustrar impasses conceituais do tema. Conclui-se que o percurso evidencia a multiplicidade e a complexidade das manifestações do masoquismo, mantendo abertas as questões que o próprio campo da psicanálise se propõe a não encerrar.

Palavras-chave: psicanálise; masoquismo; perversão; gozo; sexualidade.

ABSTRACT

This study investigates the enigmatic field in which masochism is inscribed, tracing the various forms it assumes throughout Freud's work and its specificity as a perversion, whose formulation receives valuable contributions in Lacan's reading. Within the framework of the first topography, the concept is examined as a dimension of sexuality, articulated with the theory of drives and the formations of fantasy. In a second moment, Freud's elaboration after the introduction of the death drive is analyzed, when masochism comes to be conceived as a structural trait of subjectivity. The distinctions between primary, feminine, and moral masochism are discussed, as well as the way in which the feeling of guilt is entwined with the latter. From the notion of *Verleugnung*, the trajectory then turns to Lacan's formulations, with emphasis on the anchoring point of perversions, investigating how, in the masochistic configuration, the position of the object and submission to the law intensify the extraction of jouissance within the perverse scene. Finally, cinema is brought into the discussion, through the figures of Séverine (*Belle de Jour*, 1967) and Vaughan (*Crash*, 1996), as a reading device that helps sustain and illustrate conceptual impasses of the theme. The study concludes that the trajectory underscores the multiplicity and complexity of masochistic manifestations, keeping open the questions that psychoanalysis itself assumes not to resolve.

Keywords: psychoanalysis; masochism; perversion; jouissance; sexuality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. OS PRIMÓRDIOS DE UMA CONCEITUAÇÃO DO MASOQUISMO	10
1.1 A ORIGEM DO CONCEITO DE MASOQUISMO	10
1.2 A CRUELDADE, A CENA PRIMÁRIA E A COEXCITAÇÃO	11
1.3 ATIVIDADE-PASSIVIDADE E O RETORNO AO EU	15
1.4 A FANTASIA DE SURRA	17
2. O MASOQUISMO COMO TRAÇO ESTRUTURAL	21
2.1 A PULSÃO DE MORTE	21
2.2 MASOQUISMO PRIMÁRIO E MASOQUISMO FEMININO	24
2.3 O MASOQUISMO MORAL E O SENTIMENTO DE CULPA INCONSCIENTE	28
3. A PERVERSÃO MASOQUISTA	33
3.1 A ESTRUTURA PERVERSA	33
3.2 A POSIÇÃO OBJETAL E A LEI	40
3.3 O MASOQUISTA PERVERSO E O MASOQUISTA NEURÓTICO	46
3.3.1 SÉVERINE: UMA POSSIBILIDADE DE GOZO	47
3.3.2 VAUGHAN: O GOZO FINAL	50
CONCLUSÃO	54
BIBLIOGRAFIA	57

INTRODUÇÃO

No seminário *A angústia*, ao abordar o masoquismo, Lacan afirma que “ele é o mais enigmático da perversão para se colocar em suspenso” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 168). Freud, por sua vez, em *Além do princípio do prazer*, ao referir-se aos sonhos dos neuróticos acidentários escreve: “(...) ou teríamos, necessariamente, de nos lembrar das enigmáticas tendências masoquistas do eu” (Freud, 1920/2020, p. 75). De fato, trata-se de uma apreensão complexa – quase inconcebível – do modo como, em uma mesma cena, coexistem o impulso que assegura a vida e a tendência que impele o sujeito à sua própria extinção.

Em seu texto célebre de 1920, Freud detém-se longamente sobre a vida celular, chamando a atenção para o fato de que, nos protozoários, “a morte coincide com a reprodução” (Freud, 1920/2020, p. 159). Sabe-se, inclusive no senso comum, que certas espécies animais encontram na cópula o ponto final de sua existência. Não por acaso, os franceses nomeiam o instante posterior ao orgasmo de *petite mort*.

Para Lacan, a condição do sujeito implica estar permanentemente às voltas com o sexo e a morte – indissociabilidade que encontra respaldo no fato de as pulsões nunca se apresentarem senão como pulsões parciais (Chemama, 2007, p. 323). Nesse sentido, afirma: “A saber que, para o homem, e porque ele conhece os significantes, o sexo e suas significações são sempre suscetíveis de presentificar a presença da morte” (Lacan, 1964/2008, p. 249).

É possível que o masoquismo ocupe um lugar privilegiado para se pensar essa condição tão aparentemente paradoxal. O masoquista é aquele que habita o cerne da contradição e dela extraí, de forma consciente ou inconsciente, um modo singular de gozo, encontrando aí uma forma de existir.

Diante das múltiplas especificações, contradições e enigmas que o tema comporta, optou-se por retomá-lo a partir de seus primeiros delineamentos em Freud. No contexto da primeira tópica, serão examinadas as conceituações presentes em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), *As pulsões e seus destinos* (1915) e *Bate-se numa criança* (1919) a fim de pensar o masoquismo, respectivamente, como uma dimensão da sexualidade, articulado à teoria das pulsões e à fantasia. O segundo capítulo examinará a elaboração freudiana posterior à introdução do conceito de pulsão de morte, em que o masoquismo passa a ser compreendido como um traço estrutural. Serão examinadas as distinções entre o masoquismo primário, o

feminino e o moral bem como o modo pelo qual o sentimento de culpa se articula a este último. O terceiro capítulo voltar-se-á às contribuições de Lacan, buscando apreender de que modo o funcionamento perverso se desdobra e se intensifica em sua vertente masoquista. Serão retomadas as noções de *Verleugnung* e a problemática do ponto de ancoragem das perversões. Nesse percurso, serão abordadas a aderência à posição objetal e a submissão radical à lei. Por fim, o capítulo lançará mão do cinema, nas figuras de Séverine (*Belle de Jour*, 1967) e Vaughan (*Crash*, 1996), para iluminar pontos particularmente complexos levantados ao longo do trabalho.

Na conclusão, o texto procurará mostrar que o percurso realizado aponta para a diversidade e a complexidade do masoquismo em suas diferentes modalidades, deixando em aberto uma interrogação sobre o tema que ecoa a própria condição da psicanálise – sustentada em suas indeterminações.

1. OS PRIMÓRDIOS DE UMA CONCEITUAÇÃO DO MASOQUISMO

Toda dor, em si, já contém a possibilidade de uma sensação prazerosa.

Sigmund Freud, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*

1.1 A origem do conceito de masoquismo

Em 1886, o médico austríaco Richard von Krafft-Ebing (1840-1902) publicou *Psychopathia Sexualis*, sua obra mais influente no campo da sexologia e da psiquiatria. Amplamente difundido, o livro propõe uma sistematização a partir de casos clínicos de todas as manifestações possíveis de perversões, isto é, práticas que escapam à finalidade reprodutiva do ato sexual. É nesse contexto que o termo masoquismo surge pela primeira vez, definido como uma forma de parestesia¹.

(...) é a contrapartida do sadismo, na medida em que a culminância do prazer decorre de atos temerários de violência sofridos nas mãos do parceiro. Brota do impulso de criar uma situação pela força física externa, de acordo com o estágio de potência espinhal e psíquica do indivíduo, como meio preliminar e concomitante de experimentar a sensação voluptuosa do coito, de acentuá-la ou fazer dela um substituto da coabitAÇÃO. Em proporção direta com a intensidade do instinto perverso e com a força remanescente dos contramotivos morais e estéticos, compõe uma graduação que vai dos atos mais abomináveis e monstruosos aos mais visíveis e absurdos (a busca de castigos corporais, humilhações de todo tipo, flagelação passiva etc.) (Krafft-Ebing, 1886/1997/2001, p. 7).

O neologismo tem origem no nome do escritor austríaco Leopold von Sacher-Masoch (1836-1895), cuja obra literária se caracteriza pela recorrência de temas ligados às dinâmicas de submissão e dominação, ao prazer na dor e aos contratos eróticos. De maneira correlata, o termo sadismo deriva do nome de Donatien Alphonse François, o Marquês de Sade (1740-1814), escritor e filósofo libertino do século XVIII. Krafft-Ebing concebeu as duas perversões como opostos complementares. Freud (1905), posteriormente, não apenas manteve essa formulação, como também reforçou a indissociabilidade do par. Na tradição psiquiátrica, o masoquismo, como todas as outras perversões, esteve vinculado a uma perspectiva moralizante e patologizante, chegando mesmo a ser associado à periculosidade. Apesar de separados por quase

¹ Excitação sexual provocada por estímulos considerados inadequados (Krafft-Ebing, 1886/1997/2001, p. 7).

um século, Sade e Masoch escreveram sob regimes morais marcados por uma forte repressão, em que o discurso sobre o sexo era rigidamente controlado e confinado à esfera pastoral da confissão (Foucault, 1974-1975). Nesse cenário, Deleuze (1967) reconhece em ambos algo que ultrapassa o mero erotismo. Trata-se de autores efetivamente disruptivos e inventivos, “que sabem incluir em suas obras toda uma concepção de homem, da cultura e da natureza (...) que sabem extraír novas formas e criar novos modos de sentir e de pensar” (Deleuze, 1967/2009, p. 18). É evidente que não se trata de atribuir a Sade ou a Masoch a antecipação da conceituação freudiana (Lacan, 1962/1998, p. 765) a respeito das perversões, mas de sublinhar que, de algum modo, puderam articulá-las, conferindo-lhes contornos e transpondo-as para o registro da linguagem e, consequentemente, para a cultura. Assim, tornaram enunciável aquilo que antes habitava um universo oculto e ainda não nomeado.

1.2 A crueldade, a cena primária e a coexcitação

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud realiza uma primeira formulação teórica sobre o masoquismo, tomando a obra de Krafft-Ebing como uma de suas principais referências. No entanto, seu interesse afasta-se do domínio classificatório e passa a se orientar para o esforço de “rastrear as origens da pulsão sexual²” (Freud, 1905/2016a, p. 111). Fiel à lógica própria da psicanálise, que avança pela via da interrogação mais do que pela da resposta, constata que, apesar de seus esforços teóricos, a natureza da excitação sexual permanecerá enigmática (Freud, 1905/2016a, p. 111).

No primeiro ensaio, “As aberrações sexuais”, o masoquismo é apresentado em articulação com o sadismo³ e o juízo moral que os acompanhava se afasta à medida que passam a ser concebidos como expressões de tendências fundamentais da vida sexual, a passividade e a atividade (Freud, 1905/2016a, p. 53). Sob essa perspectiva, o sadismo mostra-se mais facilmente compreensível, pois seu elemento agressivo se ancora numa função biológica que visa vencer a resistência do objeto sexual – condição necessária à efetivação do ato reprodutivo e, em última

² Na tradução de Paulo César de Souza, “*trieb*” aparece como “instinto”; contudo, segundo sua própria observação sobre a liberdade terminológica, na introdução à obra, opta-se aqui por “pulsão” (Freud, 1905/2016a, p. 11).

³ Freud pontua que os pares de pulsões opostas se acham desenvolvidos de modo aproximadamente igual, fenômeno que Bleuler designa com o termo “ambivalência” (Freud, 1905/2016a, p. 109).

instância, à preservação da espécie. Por conseguinte, o masoquismo parece delinear um desvio mais acentuado da meta sexual considerada normal. Além disso, configura-se como a inversão da agressividade sobre o Eu, noção que será reformulada com a introdução do conceito de pulsão de morte (1920). O masoquismo enquanto aberração sexual será explorado mais detidamente no último capítulo deste trabalho. No momento, a análise concentra-se na investigação da dimensão sadomasoquista presente na sexualidade infantil.

Após dedicar-se à análise do predomínio das zonas erógenas, Freud identifica, no voyeurismo, no exibicionismo e na crueldade, componentes da sexualidade infantil em que o outro é tomado como objeto (Freud, 1905/2016a, p. 99). Não estando desde os primórdios vinculada ao sexual, a pulsão de crueldade manifesta-se de forma relativamente autônoma, uma vez que a capacidade de compaixão se desenvolve apenas tardiamente. No entanto, é justamente essa ausência inicial de compaixão que comporta o risco de uma união duradoura entre a crueldade e um componente erógeno, fazendo com que tal articulação possa se revelar, mais tarde, indissolúvel (Freud, 1905/2016a, p. 101).

A seção “A pesquisa sexual infantil”, acrescentada em 1915, trata da emergência de uma pulsão de saber (ou de pesquisa) que aparece na infância no mesmo período em que a atividade sexual infantil se intensifica, entre os três e cinco anos de idade.

Não são interesses teóricos, mas sim de natureza prática que põem em marcha o trabalho de pesquisa da criança. A ameaça de suas condições de existência, com a vinda suposta ou sabida de uma nova criança, o temor de perder cuidados e amor, como resultado disso, tornam a criança pensativa e sagaz. O primeiro problema de que ela se ocupa não é, em conformidade com a história do despertar dessa pulsão, a questão da diferença entre os sexos, mas sim este enigma: de onde vêm as crianças? (Freud, 1905/2016a, p. 103).

Uma passagem de particular importância trata da “concepção sádica do intercurso sexual” (Freud, 1905/2016a, p. 105). Ao ser exposta ao coito entre adultos, o que frequentemente ocorre pela suposição de que nada comprehende do que presencia, a criança tende a perceber o ato como algo da ordem da violência e da sujeição. Essa vivência precoce imprime na economia pulsional um traço que pode predispor à constituição de uma tonalidade sádica ou masoquista.

O caso do “Homem dos Lobos” evidencia a potência formadora da cena primária. “Quando ele acordou, foi testemunha de um coito *a tergo* [por trás] repetido três vezes (...).

Refiro-me às posições que ele viu os pais adotarem – a posição ereta do homem e a curvada, como a dos animais, da mulher” (Freud, 1918 [1914]/2010b, p. 52,54). Lacan, ao retomar o caso, observa que a fantasia se constitui a partir do primeiro encontro com o real, com aquilo que, por ser inassimilável, assume um caráter traumático.

Tomemos o exemplo do *Homem dos Lobos*. A importância excepcional dessa observação, na obra de Freud, é de mostrar que é em relação ao real que funciona o plano da fantasia. O real suporta a fantasia, e a fantasia protege o real (Lacan, 1964/2008, p. 47).

Aprendida sem o auxílio da simbolização em sua infância remota, a cena primária torna-se matéria para as elaborações fantasísticas posteriores. Freud identifica, nesse caso, a predominância de tendências masoquistas, observando que “ao lado do masoquismo, que domina a sua tendência sexual e se manifesta em fantasias, também o sadismo continua a existir e se ocupa de pequenos animais” (Freud, 1918 [1914]/2010b, p. 144).

Ao longo da obra (1905), destaca-se também a noção de que a excitação sexual é um produto secundário de processos orgânicos, “especialmente em toda emoção mais forte, ainda que seja de natureza dolorosa” (Freud, 1905/2016a, p. 158). No caso da excitação provocada pela dor ou pelo desprazer, a coexcitação libidinal constitui um mecanismo fisiológico infantil que tende a se dissipar. É nesse terreno que se funda o que Freud mais tarde descreverá como masoquismo primário (Freud, 1924/2016d, p. 292). Portanto, além de decorrer da estimulação das zonas erógenas, a excitação sexual infantil pode também emergir da intensidade extrema de certas emoções e sensações. Destaca-se a “atividade muscular” (p. 114), que Freud descreve nos seguintes termos:

Sabe-se que uma ampla atividade muscular, para a criança, é uma necessidade cuja satisfação lhe dá prazer extraordinário. Que esse prazer tenha alguma relação com a sexualidade, que ele próprio inclua satisfação sexual ou possa tornar-se ocasião para excitação sexual — isso pode estar sujeito a ponderações críticas, que provavelmente se dirigirão também às afirmações anteriores, de que o prazer com sensações de movimento passivo é de natureza sexual ou tem efeito excitante. (Freud, 1905/2016a, p. 114).

Com base em sua experiência clínica, observa que numerosos pacientes recordam ter experimentado as primeiras manifestações de excitação genital em jogos de luta ou disputas corporais. Para além do investimento muscular, o contato com a pele revela-se igualmente significativo. O autor é enfático ao afirmar que uma das origens da pulsão sádica, e, por extensão, masoquista, reside na excitação suscitada pela atividade motora; em outro momento,

indica que, no componente de dor e crueldade da pulsão sexual, é a pele que assume a função de zona erógena (Freud, 1905/2016a, p. 68).

De origem mais evidente, os “processos afetivos” (p. 115) também são uma fonte de excitação infantil. A observação clínica e a análise posterior permitem reconhecer que as vivências afetivas de maior intensidade, inclusive aquelas marcadas pelo medo, repercutem diretamente na esfera sexual, o que contribui para compreender o potencial patogênico dessas experiências emocionais. Em crianças em idade escolar, situações de intensa tensão, como o medo de realizar uma prova ou a dificuldade em solucionar uma tarefa, podem desencadear manifestações sexuais significativas, influenciando não apenas a experiência emocional, mas também a atitude da criança em relação à escola. “Nessas circunstâncias surge frequentemente uma sensação de estímulo que leva a tocar os genitais, ou algo semelhante a uma poluição, com todas as suas consequências embaracosas” (Freud, 1905/2016a, p.116).

Não se trata aqui de uma associação direta ao masoquismo, mas de reconhecer que certos afetos marcados pelo desprazer, como o medo e a angústia, podem funcionar como matriz para formas posteriores de excitação sexual. É possível supor que experiências dessa natureza, nas quais o sujeito se vê submetido a uma força externa ou a um estado de impotência, ofereçam uma base primitiva para a submissão na cena masoquista. Ademais, a coexistência de sentimentos aparentemente antagônicos na tenra idade parece instaurar uma disposição, na vida adulta, à busca por emoções intensas dessa natureza. Quando mediadas por formas simbólicas, como a ficção ou o teatro, essas emoções têm atenuada a intensidade de seu desprazer (Freud, 1905/2016a, p. 116).

Supondo-se que até sensações dolorosas intensas possuam o mesmo efeito erógeno, sobretudo quando a dor é acompanhada de uma condição que a atenua ou mantém à distância, teríamos nisso uma das principais raízes do instinto sadomasoquista, de cuja variada composição formamos aos poucos uma ideia (Freud, 1905/2016a, p.116).

O masoquismo infantil tende a ser recalado, permanecendo no inconsciente sob a forma de fantasias. Essas formações podem retornar à consciência com conteúdos e formulações transformadas, evidenciando o trabalho psíquico de elaboração do recalado. Entre elas, destaca-se a fantasia *Bate-se numa criança* (1919), que será abordado adiante e que teve papel decisivo na construção freudiana sobre as perversões.

1.3 Atividade-Passividade e o Retorno ao eu

Entre as formulações sobre o masoquismo relativas à primeira tópica, destaca-se a concepção mais rematada, ainda que de forma breve, apresentada no artigo *As pulsões e seus destinos* (1915). A experiência acumulada na investigação clínica leva Freud a buscar uma formulação mais precisa dos conceitos fundamentais, mantendo-se sempre disposto a reorientar o percurso teórico caso suas observações imponham outra direção.

Após uma admirável advertência epistemológica, formula pela primeira vez uma definição rigorosa e sistematizada da pulsão. Concebida como um conceito-limite entre o psíquico e o somático, define-se como uma “força interna que impele ininterruptamente para a ação” (Hanns, 1996, p. 338). Proveniente do interior do corpo, a pulsão inviabiliza qualquer fuga e faz com que a regulação das excitações se produza pelo automatismo que alterna prazer e desprazer. Trata-se, em última instância, da “assunção, pelo sujeito falante, da responsabilidade pelo organismo” (Kaufman, 1993/1996, p. 440).

Pode ser compreendida a partir de quatro aspectos fundamentais: a pressão, a meta, o objeto e a fonte. A pressão corresponde à força energética que impele o sujeito à ação. A meta refere-se à busca de satisfação, entendida como a possibilidade de reduzir a tensão por meio de uma descarga pulsional. A fonte tem origem no corpo e decorre da excitação de um órgão, qualquer que seja ele. O objeto, por sua vez, é tudo o que permite a realização dessa satisfação e possibilita o cumprimento da meta pulsional.

Além disso, a pulsão apresenta múltiplas formas de expressão e conserva um caráter de permanente incompletude em que a satisfação constitui apenas um apaziguamento momentâneo. É precisamente por esse caráter parcial da satisfação que a pulsão se desdobra em diferentes destinos. Configuram-se, desse modo, como formações defensivas do psiquismo, entre as quais Freud distingue quatro modalidades: a reversão em seu contrário, o retorno sobre o próprio Eu, o recalque e a sublimação. No caso do masoquismo, interessam sobretudo os dois primeiros. Ambos dependem da organização narcísica do Eu, na medida em que supõem uma representação do objeto capaz de sustentar a operação pela qual o sujeito se identifica com sua posição (Lambotte, 1993/1996, p. 350). Mais do que simples dependência, esses destinos trazem a marca distintiva do narcisismo (Freud, 1915/2013, p. 47).

Na reversão da meta pulsional em seu contrário⁴, o “olhar” ou “atormentar”, transforma-se em “ser olhado” ou “ser atormentado”. No vocabulário das perversões, tal movimento corresponde à inversão entre os pares voyeurismo-exibicionismo e sadismo-masoquismo. O retorno da pulsão em direção ao Eu só pode ser compreendido nesse ponto, uma vez que Freud ainda concebia o masoquismo como derivado do sadismo (Freud, 1915/2013, p. 37). Nesse sentido, tais desenvolvimentos pulsionais têm como desdobramento a formulação de um conceito de masoquismo vigente naquele momento da teoria.

O percurso parte do sadismo, entendido como exercício de violência ou dominação sobre um objeto externo; em seguida, esse objeto é abandonado, e o próprio sujeito passa a ocupar seu lugar, configurando o retorno da pulsão sobre si e a transformação da meta ativa em passiva; por fim, busca-se novamente um objeto exterior, que, em virtude dessa inversão, passa a assumir o papel de agente do ato agressivo (Freud, 1915/2013, p. 37).

Freud havia assinalado que toda pulsão comporta uma parcela de atividade e que, por isso, falar em pulsões passivas equivale, na verdade, a referir-se a pulsões cuja meta é passiva (Freud, 1915/2013, p. 25). Lacan retoma essa formulação para enfatizar que, mesmo nesse ponto em que a meta se apresenta como passiva, a pulsão permanece ativa, já que “exige que o masoquista, se ouso me exprimir assim, trabalhe feito um burro” (Lacan, 1964/2008b, p. 195). Essa perspectiva encontrará desdobramento em momento posterior deste trabalho.

Apoiado na noção de coexcitação apresentada em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1915), Freud assinala que a meta de infligir dor não pertence originariamente à pulsão sádica. Somente quando essa se converte em masoquismo é que “as dores se prestam muito bem” (Freud, 1915/2013, p. 39). No entanto, ao tornar-se meta masoquista, a dor pode gerar retroativamente uma meta sádica: o sujeito, ao infligir sofrimento ao outro, pode dele extrair prazer por meio de uma identificação com o objeto que sofre. Portanto, o que se deixa entrever é o fato de que o fim da pulsão sádica não é inflingir a dor; é apenas depois que o fim passivo de ser atormentado é realizado, pelo cumprimento do circuito pulsional, que o sadismo propriamente dito, como perversão, constitui-se. Por conseguinte, “A fruição da dor seria,

⁴ A outra forma de reversão diz respeito ao conteúdo pulsional, observada unicamente na transformação do amor em ódio (Freud, 1915/2013, p.35).

portanto, uma meta originariamente masoquista qual só pode tornar-se uma meta pulsional em alguém originariamente sádico” (Freud, 1915/2013, p. 39-41).

Dessa forma, no sadismo e no masoquismo, é a mesma pulsão sadomasoquista que se manifesta. A perversão só se estabelece quando esse movimento de inversão se completa, definindo-se pela posição que o sujeito assume em relação ao parceiro e pela função que este ocupa. No caso do sadismo, o sujeito faz do outro um objeto de sofrimento e obtém prazer, de modo masoquista, ao erotizar a dor que provoca. Já no masoquismo, o sujeito se coloca como objeto diante de um parceiro assumido como aquele que o faz sofrer, encontrando prazer na erotização da dor recebida. Assim, Freud configura o sadismo e o masoquismo como posições subjetivas opostas, mas complementares, fazendo do sádico um tipo de “masoquista por intermédio do outro”.

1.4 A fantasia de surra

O olhar freudiano sobre a sexualidade infantil produziu uma ruptura paradigmática que transformou profundamente diversas áreas do conhecimento. Freud elaborou essa concepção com rigor e cautela, evitando que fosse compreendida de modo linear ou desenvolvimentista. Propôs, assim, a fundação de um campo inteiramente novo, derivado estritamente da observação e da escuta clínica. Entre aproximadamente os dois e cinco anos de idade, ele localiza a primeira manifestação observável da sexualidade infantil, despertada por determinadas vivências e articulada a certos complexos. Como já elaborado, pode ser permeada por uma dimensão sádica e masoquista. Após esse período, a sexualidade entra em sua fase de latência, cuja natureza Freud considera hipotética. Nessa etapa, a pulsão sexual não cessa, mas é redirecionada para outros fins e investimentos, até ser reativada pela intensa irrupção da puberdade. Portanto, o que se manifesta de sexual nessa nova fase permanece profundamente enraizado nas experiências dos períodos anteriores, podendo emergir sob a forma de fantasias que testemunham essa “pré-história” (Freud, 1919/2016b, p.129). Entre elas, destaca-se a fantasia de surra, analisada por Freud em *Bate-se numa criança* (1919), texto em que ele expõe, com notável precisão, o percurso que tal fantasia realiza até poder emergir na consciência.

Além dos quatro casos de pacientes mulheres que fundamentam essa elaboração, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016a, p.102), Freud menciona, a propósito

da biografia de Jean-Jacques Rousseau, que a estimulação dolorosa das nádegas pode ser compreendida como uma das origens da pulsão passiva de crueldade. Além disso, pontua que Binet já havia identificado na infância certas raízes de aberrações sexuais da vida adulta (Freud, 1919/2016b, p.126). No entanto, a inovação desse texto consiste em situar, pela primeira vez, a gênese da perversão no campo do complexo de Édipo (Freud, 1919/2016b, p. 139).

Como muitos outros aspectos da psicanálise que comportam uma parcela de contradição, Freud percebe que a fantasia de surra não surge como repetição de um trauma vivido, mas como construção simbólica em sujeitos que não experimentaram tal violência. O que apareceu em análise foi a terceira fase da fantasia, a partir da qual se realizou um movimento regressivo até a formulação de suposições sobre sua gênese. As pacientes esforçavam-se por situar suas fantasias nas lembranças escolares, articulando as leituras a que tiveram acesso com as cenas punitivas que imaginavam (Freud, 1919/2016b, p. 124). No entanto, diante de situações reais de castigo escolar, recordam que reagiam com repulsa, e “mesmo nas fantasias mais sofisticadas dos anos posteriores havia a condição de que as crianças que recebessem o castigo não sofressem nenhum dano mais sério” (Freud, 1919/2016b, p. 124). Tal fato evidencia a distância real entre o ato e a fantasia que será abordada posteriormente como uma possível forma de distinção entre a perversão e a neurose.

O exercício da análise mostrou a Freud que, além de tais fantasias possuírem uma pré-história, o seu percurso de desenvolvimento é complexo. O autor da fantasia, o objeto, conteúdo esignificado são profundamente modificados pelo trabalho minucioso do recalque (Freud, 1919/2016b, p. 129).

O primeiro tempo remonta a um período muito precoce da infância e pode ser rememorado na análise como algo que foi, em algum momento, consciente. A criança batida é geralmente um irmão ou irmã mais novos, e a figura que bate é o pai. Há dúvidas quanto a esse tempo corresponder efetivamente a uma fantasia ou a recordações de situações vividas ou desejadas. Do mesmo modo, Freud questiona se sua natureza é verdadeiramente sádica ou sexual. No entanto, o que importa é que esse momento constitui um estágio preliminar no curso da fantasia.

Trata-se de uma representação agradável, pois implica a crença de que “o pai não ama essa outra criança, ele só ama a mim”. O resultado é a queda da onipotência da criança que é

batida, ao mesmo tempo em que se reasssegura a relação incestuosa. A excitação resultante encontra nos genitais a via de descarga onanista (Freud, 1919/2016b, p.134).

A passagem para o segundo tempo ocorre em razão do trabalho rigoroso do recalque, que mantém inconsciente o resultado psíquico dos impulsos amorosos incestuosos, enquanto aquilo que havia se tornado consciente é novamente expulso. Como consequência, emerge o sentimento de culpa que transforma o sadismo em masoquismo (Freud, 1919/2016b, p.135). Assim, Freud reafirma a proposição que estava em voga à época, segundo a qual o sadismo precede o masoquismo.

A forma que a fantasia adquire neste ponto é: “Estou sendo surrada pelo meu pai” (Freud, 1919/2016b, p. 130). Investida de prazer em alto grau, constitui-se como solução entre a culpa da relação incestuosa e o erotismo. A novidade crucial no texto se manifesta neste tempo, considerado por Freud o mais importante, pois não se trata apenas de uma punição pela relação genital proibida, mas também de seu substituto regressivo. “Mas essa é, pois, a essência do masoquismo” (Freud, 1919/2016b, p. 136).

Em outras palavras, tudo leva a supor que, para o masoquista, a culpa funciona como uma via de acesso ao gozo, permitindo que extraia prazer justamente daquilo que remete ao desejo incestuoso. Em certo sentido, é a culpa que mantém possível a relação incestuosa. Freud, em *Moisés e o monoteísmo*, indica a culpa como a solução encontrada para poder continuar pecando (Freud, 1939/1969). É precisamente a ligação com o desejo que faz com que essa fantasia permaneça recalcada. Ele sublinha que, devido à intensidade do recalque que incide sobre o mesmo desejo, tal fantasia nunca é efetivamente rememorada.

Porém, em certo sentido, podemos dizer que ela nunca teve uma existência real. Em nenhum caso ela é lembrada; nunca conseguiu tornar-se consciente. Ela é uma construção da análise, mas nem por isso é menos necessária (Freud, 1919/2016b, p.131).

Desse modo, só pode ser enunciada com grande dificuldade e sob o peso de um intenso sentimento de culpa, que é justamente o que leva Freud a associá-la às “cicatrizes” do complexo de Édipo (Freud, 1919/2016b, p. 140). Ao mesmo tempo, o sujeito reconhece, não sem vergonha nem repugnância, que a simples evocação da fantasia, mesmo fora de qualquer contexto real (diante do qual se sente tomado de nojo se for sua testemunha), é acompanhada de intenso prazer e culmina em um ato de satisfação autoerótica.

Na terceira fase, a fantasia soa conforme o relato da paciente, repleta de adornos e substituições. É consciente e “portadora de uma excitação intensa, inequivocamente sexual (Freud, 1919/2016b, p. 131).

A imagem do pai é recalcada, sendo substituída por uma figura indefinida ou por alguém que encarna a autoridade, como um professor ou outra pessoa investida desse papel. Da mesma forma, a identidade da criança é substituída por meninos anônimos. Nesse momento, a fantasia coloca o sujeito em uma posição voyeurista, “provavelmente estou olhando” (Freud, 1919/2016, p. 131). Ainda que pareça sádica, a satisfação obtida é essencialmente masoquista, pois as crianças que recebem o castigo figuram como substitutas do próprio sujeito.

Brillaud (2023, p. 283) observa que essa última fase da fantasia não apresenta grandes impasses, uma vez que se encontram numerosos casos em que ela sustenta o desejo feminino, possibilitando a relação sexual ou facilitando a descarga orgástica.

No que se refere à fantasia nos homens, Freud observa que não poderia abordá-la de modo simetricamente oposto, pois, nas fantasias e encenações masoquistas, estes “assumem sistematicamente o papel de mulheres, e que, portanto, seu masoquismo coincide com uma posição *feminina*” (Freud, 1919/2016b, p. 145). Essa constatação será posteriormente desdobrada em *O problema econômico do masoquismo* (1924), quando o autor propõe a noção de um masoquismo como a posição subjetiva essencialmente feminina.

Evidentemente que a presença dessa fantasia não instaura necessariamente uma estrutura perversa, já que ela pode sucumbir à ação do recalque, ser deslocada por uma formação reativa ou reconfigurada por meio da sublimação. No entanto, pode também permanecer em estado de latência no interior de um desenvolvimento sexual tido como normal, do qual continua a obter certa quantidade de energia.

2. O MASOQUISMO COMO TRAÇO ESTRUTURAL

(...) a pulsão de morte atuante no organismo seria idêntica ao masoquismo.

Sigmund Freud, *O problema econômico do masoquismo*

2.1 A pulsão de morte

Em *Além do princípio do prazer* (1920), Freud realiza uma de suas mais significativas reformulações teóricas. Apoiando-se em suas observações clínicas sobre a compulsão à repetição propõe um novo dualismo em que opõe as pulsões de vida às pulsões de morte. A nova configuração do masoquismo, concebida em termos estruturais, fundamenta-se precisamente a partir dos processos de fusão e desfusão dessas pulsões.

O ensaio é marcado por proposições, quase sempre hesitantes, o que torna evidente sua dimensão especulativa. Chega mesmo a reconhecer que “não estava convencido das suposições desenvolvidas” e “não sabe até que ponto acreditar nelas” (Freud, 1920/2020, p. 191). Ainda assim, prossegue, movido pela “exploração de uma ideia, por curiosidade de saber até onde ela irá levar” (Freud, 1920/2020, p. 99).

Como de costume, sua investigação parte daquilo que a clínica lhe revela. Ao invés de interpretar a experiência clínica a partir de conceitos pré-estabelecidos, Freud faz o contrário. De maneira impressionantemente brilhante, adota o que emerge na clínica como fundamento de uma nova conceituação. Fiel a seu método, permanece sempre disposto a abandonar o caminho já percorrido, caso perceba “que ele não nos leva a nada de bom” (Freud, 1920/2020, p. 205).

A partir de suas observações clínicas⁵, Freud foi então impelido a conceber a existência de uma forma de assujeitamento radical (Souza, 1993/1996, p. 449). Uma força “daimoníaca” (Freud, 1920/2020, p. 95) que opera, desde o início, à revelia do sujeito. De natureza inconsciente, a compulsão à repetição reconduz às experiências de desprazer na tentativa,

⁵ Freud dirige inicialmente suas observações à vida onírica da neurose traumática, na qual o doente é reconduzido, em sonho, à situação do acidente (Freud, 1920/2020, p. 73); e, em seguida, ao jogo do carretel (Fort/Da), em que observou o neto repetindo, em sua brincadeira, o caráter desprazeroso da experiência (Freud, 1920/2020, p. 83).

sempre frustrada de fazer surgir *das Ding*⁶ (Souza, 1996, p. 448). Ainda que pareça contrariar o princípio de prazer, o desprazer que dela decorre não o contradiz, uma vez que “é desprazer para um sistema e, ao mesmo tempo, satisfação para outro” (Freud, 1920/2020, p. 91). No entanto, o retorno compulsivo às situações dolorosas eram fortes indicações da existência de tendências mais primitivas e independentes (Freud, 1920/2020, p. 85). Ao reconhecer esse impasse, Freud coloca em questão o domínio do princípio de prazer. Todavia, após um longo percurso de indagações, acaba por reafirmar a hipótese que sustentava desde o início, agora acrescentando-lhe um novo desdobramento:

Que tenhamos reconhecido como sendo a tendência dominante da vida anímica, talvez da vida nervosa em geral, o anseio por reduzir, manter constante e anular a tensão interna de estímulos (O princípio de Nirvana, segundo a expressão de Barbara Low), tal como ela encontra expressão no princípio de prazer, eis aqui um de nossos motivos mais fortes para acreditar na existência da pulsão de morte (Freud, 1920/2020, p. 183).

Em um primeiro momento, é a busca pela satisfação que conduz o sujeito, pela via da descarga pulsional, ao esvaziamento das tensões. É especificamente neste ponto, porém, que reside um eco da pulsão de morte, ou seja, a tendência, em sua forma mais radical, que direciona o organismo a retornar às origens, a seu estado primordial de não vida, à morte (Chemama, 2007 p. 324). Em outras palavras, no grau máximo dessa lógica, a extinção das tensões equivaleria à extinção do próprio Eu ou, em outro registro, a um “nunca ter existido”.

Ao mesmo tempo em que expressa o prolongamento limite do princípio de prazer, a pulsão de morte configura-se como o protótipo do princípio geral das pulsões. Uma pulsão nada mais é do que “uma pressão inerente ao orgânico animado para restabelecer um estado anterior, pressão que esse ser animado precisou abandonar sob a influência de forças perturbadoras e externas” (Freud, 1920/2020, p.131). É dessa força regressiva que o masoquismo extraí suas raízes mais íntimas.

É tentador apreender a noção de pulsão de morte como uma força orientada, em última instância, para a própria morte. No entanto, não é dessa forma que ela se manifesta, ainda que

⁶ Entende-se *das Ding* como a Coisa inaugural e para sempre perdida em torno da qual o sujeito se constitui. Lacan a nomeará como “traço unário”. Repetir, nesse sentido, visa ao ressurgimento desse unário primitivo. O Um originário que possibilita a própria ordenação simbólica. É essa marca fundante que anima o movimento da repetição. O paradoxo, contudo, é que, quanto mais a repetição tende a reunir e apagar a multiplicidade das aparências, mais ela sustenta a diferença em sua própria estrutura, razão pela qual o fazer-surgir-do-mesmo está, por definição, condenado ao fracasso (Sousa, 1993/1996, p. 448).

possa, em certos momentos, assumir tal destino. Não se trata de “uma antítese entre uma teoria pessimista da vida e outra otimista” (Freud, 1937/1950, p. 23). Elas não surgem isoladas uma da outra, mas se fundem em proporções diferentes e muito variadas, tornando-se irreconhecíveis para o nosso julgamento (Freud, 1930/2010c, p. 86). Freud assinala, contudo, que não se tem conhecimento do modo como essas relações se estabelecem para exercer diferentes funções vitais, em que condições se modificam, nem a quais perturbações correspondem; elucidar tais enigmas seria uma das tarefas mais gratificantes da investigação psicológica (Freud, 1937/1950, p.23).

A criança pequena não nasce como um vetor potente, uma seta de vida que, ao longo de seu percurso, deixar-se-ia ferir pelas adversidades, chegando ao fim “despulsionada” e tomada pela pulsão de morte. O que a psicanálise propõe é precisamente o inverso: o nascimento não é um ato de plenitude vital, mas um desprendimento traumático. Parte-se de um estado de relativa ausência de tensões – representado pela vida intrauterina – em direção a uma experiência marcada pela irrupção do desprazer, pelas exigências pulsionais e pelas primeiras articulações entre prazer e sofrimento que caracterizam o estar vivo. Talvez se deva conceber que, antes da constituição do Eu, o *infans* permanece mais próximo de um estado de pré-existência do que da vida enquanto laço com o mundo⁷ – o nascimento se dá sob o signo da pulsão de morte. Nesse sentido, a tendência regressiva domina a vida orgânica, sendo apenas pela ação de forças externas que se desenvolve uma inclinação à continuidade do desenvolvimento, à adaptação e à conservação da vida (Ferenczi, 1913, *apud* Freud, 1920/2020, p. 145).

O uso desse conceito, de altíssima densidade, para estabelecer correlações diretas e unívocas com determinadas manifestações clínicas acabou por inflar excessivamente sua noção. A pulsão de morte não deve ser confundida com pulsões de agressividade ou violência, pois tais formações não exprimem necessariamente seu modo de operação. Com efeito, a pulsão de morte não se apresenta em estado puro, mas sempre em composição com as pulsões de vida, das quais, como já mencionado, é inseparável no campo da experiência psíquica. O que se pode

⁷ No texto “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte”, Ferenczi apresenta uma reflexão particularmente relevante. A partir da análise retrospectiva de casos fatais de espasmos da glote infantil, supôs que tratava-se de uma forma de suicídio por autoestrangulamento. Ao descrevê-los, o autor sublinha que ambos os bebês não haviam sido “hóspedes bem-vindos” na família e que, diante dos sinais conscientes e inconscientes de rejeição materna, suas tendências vitais revelaram-se profundamente abaladas (Ferenczi, 1929/1992, p. 48).

efetivamente reconhecer na clínica não é a pulsão em sua pureza, mas os efeitos decorrentes das variações – que se afrouxam e se rompem – de fusão e desfusão pulsional. É sob a suposição de uma fusão primordial que inaugura a vida orgânica que Freud articula a noção de masoquismo primário, concebendo-o como seu vestígio e testemunho remanescente.

2.2 Masoquismo primário e Masoquismo feminino

Ainda que o masoquismo seja citado de modo breve no ensaio de 1920, é justamente nessa passagem que se formula a sua inversão conceitual, determinando seu novo estatuto na teoria freudiana.

O masoquismo, o retorno da pulsão contra o próprio Eu, seria então, na realidade, uma volta a uma fase anterior dessa pulsão, uma regressão. Em um ponto, a exposição que fizemos na época sobre o masoquismo precisaria ser corrigida naquilo que ela tem de demasiado exclusiva; o masoquismo poderia também, o que lá eu queria contestar, ser um masoquismo primário (Freud, 1920/2020, p. 179-180).

Como discutido no capítulo anterior, o masoquismo era concebido como um retorno do sadismo contra o próprio Eu. Com base em suas formulações mais recentes sobre a pulsão de morte e sobre as dinâmicas de fusão e desfusão pulsional, Freud propõe um masoquismo anterior ao sadismo, um masoquismo primário. Uma considerável parte do ensaio se baseia em estudos biológicos⁸ por isso Freud descreve o processo de fusão e desfusão das pulsões a partir de uma referência celular:

Assim, poderíamos fazer a tentativa de transferir para a relação das células entre si a teoria da libido conquistada pela psicanálise e imaginar que são as pulsões de vida ou sexuais operando em cada célula que tomam as outras células como objeto, neutralizando, em parte, suas pulsões de morte, isto é, os processos suscitados por elas, conservando-as assim em vida, enquanto outras células fazem o mesmo para as primeiras, e ainda outras se sacrificam no exercício dessa função libidinal (Freud, 1920/2020, p. 167).

A passagem revela-se particularmente importante ao recortar o trecho “neutralizando, em parte, suas pulsões de morte”, que oferece um ponto de partida pertinente para a abordagem do masoquismo primário.

⁸ Por sua formação em neurologia, Freud toma a natureza dos fenômenos vitais como fundamento para algumas de suas proposições, chegando a afirmar que nenhum conhecimento seria mais decisivo para a construção de uma psicologia correta do que uma compreensão, ainda que aproximada, da natureza (Freud, 1920/2020, p. 169). Ainda assim, embora parte dessa base, seu percurso teórico ultrapassa amplamente os limites da área.

Em determinado momento, influências externas decisivas fizeram com que a substância viva, até então continuamente regenerada e sem resistência à morte, se desviasse gradualmente de seu curso vital originário (Freud, 1920/2020, p. 137). Tais influências correspondem à própria pulsão de vida, a libido, que “impôs sobremaneira sua participação junto à pulsão de morte na regulação dos processos de vida” (Freud, 1924/2016d, p. 289). Não obstante, Freud reconhece ser impossível determinar os caminhos e os meios pelos quais a libido realizou tal ação (Freud, 1924/2016d, p. 293).

Diante da impossibilidade de a libido “amansar” completamente as pulsões de morte, desviando-as para um objeto externo, algo inevitavelmente fica como resíduo. O desvio em direção a objetos externos é denominado pulsão de destruição, pulsão de domínio ou vontade de poder (Freud, 1924/2016d, p. 292). O sadismo pode ser compreendido como uma modalidade desse desvio, orientada pela função sexual. Assim, é nessa neutralização parcial – nesse resíduo que escapa ao desvio – que Freud situa a hipótese de um masoquismo primário, cuja base fisiológica encontra-se na coexcitação da dor e do desprazer da vida sexual infantil (Freud, 1924/2016d, p. 292). Além disso, por sua articulação estreita com a libido, acompanhando-a em todas as suas fases de desenvolvimento, essa forma de masoquismo também adquire um caráter erógeno.

Portanto, o masoquismo primário seria uma testemunha e um resquício de uma confluência primordial entre pulsão de morte e Eros. Em outras palavras, disposto a tolerar um grau de inexatidão, afirma “a pulsão de morte atuante no organismo seria idêntica ao masoquismo” (Freud, 1924/2016d, p. 293).

A partir dessa reformulação, o sadismo projetado para fora, poderá voltar-se para dentro incidindo sobre o próprio sujeito e reassumindo sua configuração primitiva. Desse movimento, resultaria o masoquismo secundário, cujas duas modalidades serão analisadas a seguir.

Investigar o masoquismo feminino pressupõe a consideração das especificidades inerentes ao adjetivo que o qualifica. Em “Feminilidade” (1933), Freud recorre a uma concepção então dominante que associa o feminino à passividade e o masculino à atividade. No entanto, sempre guiado por um rigor sensível às contradições e indeterminações, mostra que tal relação não pode ser concebida de modo tão direto.

Do ponto de vista biológico, tal distinção parece inquestionável. A diferença entre atividade e passividade apoia-se no contraste entre as células sexuais; o espermatozóide que se

moveativamente à procura do óvulo que o espera passivamente (Freud, 1933/2018, p.316). Entretanto, limitar-se à biologia seria deter-se no nível mais superficial, sem levar em consideração as oscilações extraordinárias das diferentes proporções a partir das quais o masculino e o feminino se mesclam no indivíduo (Freud, 1933/2018, p. 315). Freud desaconselha associar o feminino à passividade e propõe pensá-lo em termos de “metas passivas”, nas quais a atividade se faz condição para que a passividade se realize. Adicionalmente, aponta o papel determinante das normas sociais na orientação da mulher para posições passivas (Freud, 1933/2018, p. 318) e observa que nem sempre é simples distinguir o que provém da função sexual e o que resulta da educação social (Freud, 1933/2018, p. 338).

O “feminino” não concerne especificamente à mulher e tudo o que essa condição implica. A repressão da agressividade, constitucionalmente prescrita a todos e socialmente exigida à mulher, figura entre os fatores que favorecem intensas formações de moças masoquistas (Freud, 1933/2018, p.318). Tais moças são então eroticamente ligadas às tendências destrutivas voltadas para o Eu, isto é, ao masoquismo primário.

Não há propriamente uma essência masoquista que habita o feminino. Trata-se antes de uma resposta particular a um conjunto de fatores biológicos, psíquicos, sociais e culturais. As tendências masoquistas, legitimamente associadas à feminilidade, são, portanto, efeito desta complexa articulação. Freud adverte para o cuidado necessário ao tratar do tema: “Corresponde à singularidade da psicanálise não querer descrever o que a mulher é – isso seria para ela uma tarefa quase impossível de resolver –, mas, sim, pesquisar como ela se torna mulher, como se desenvolve a partir de uma criança dotada de disposição bissexual” (Freud, 1933/2018, p.318).

A palavra “feminino” é então escolhida dentro de um contexto histórico e cultural específico. Homens brancos e europeus observando seus pacientes, suas famílias e o mundo ao redor – um certo mundo – e reconhecendo, nessa realidade, as características daquilo que tomaram como feminino, predominantemente nas mulheres embora também se possa observar tais traços nos homens, talvez mais do que se costuma imaginar. Respaldados pelos valores e pelas concepções de sua época, levaram adiante essa reflexão, levantando hipóteses sobre as mulheres e sobre o que seria propriamente “feminino”. Com o tempo, essa noção foi se deslocando, transformando-se, como acontece com qualquer fato de cultura.

Feita essa observação, é possível adentrar a questão do masoquismo feminino. Freud utiliza o termo “feminino” para definir o que julga mais importante e característico, ainda que

muitos de seus elementos remetam à vida infantil (Freud, 1924/2016d, p. 291). Trata-se da forma mais facilmente observável, pois se manifesta a partir de suficientes fantasias em masoquistas que culminam no ato masturbatório ou constituem a própria satisfação sexual (Freud, 1924/2016d, p. 290).

Nos perversos masoquistas, a ação tende a equivaler à fantasia, “sejam elas executadas com um fim em si mesmas ou sirvam para produzir potência e iniciar o ato sexual” (Freud, 1924/2016d, p.290).

Em ambos os casos - as atividades são apenas as execuções lúdicas das fantasias - o conteúdo manifesto é: ser amordaçado, amarrado, dolorosamente espancado, açoitado, de alguma maneira maltratado, forçado à obediência incondicional, sujado e humilhado. Muito mais raras, e só com grandes limitações, são também inseridas mutilações dentro desse conteúdo (Freud, 1924/2016d, p.290).

Em uma primeira análise, parece evidente que o masoquista deseja ser tratado como uma criança pequena, sobretudo como uma criança travessa, que merece punição. Entretanto, numa análise mais cuidadosa, essas fantasias remetem o sujeito a uma situação típica da feminilidade, na qual se condensam significações como ser castrado, ser possuído sexualmente ou dar à luz⁹. Freud observa que a cegueira, mais precisamente o ato de vendar os olhos, funciona como representante simbólico da castração. Nesse sentido, deixa um “vestígio negativo” expresso na proibição de que qualquer dano recaia sobre os genitais ou sobre os olhos (Freud, 1924/2016d, p. 291). Além disso, o sentimento de culpa se faz presente na cena e costuma estar associado à ideia de punição por ter cometido algo proibido – transgredido uma regra ou quebrado algo – ainda que o motivo permaneça indefinido. Segundo ele, essas justificativas aparentes escondem a relação das fantasias com a masturbação infantil, noção previamente explorada no tópico “A fantasia de surra”.

Em última instância, o que está em jogo é a consideração de que o sofrimento pode constituir um componente de prazer, configurando-se como uma modalidade de experiência

⁹ Em "Do princípio masculino e feminino na natureza", breve texto de seu Diário Clínico, Ferenczi propõe uma leitura radical, de aparência pouco amigável. Afirma que o prazer da maternidade consiste em tolerar seres vivos parasitas que se desenvolvem de modo egoísta às custas do corpo materno. Entregar-se a essa experiência com prazer ilustra, para o autor, a intensidade com que o prazer adere ao sofrimento na experiência feminina (Ferenczi, 1932/1985, p. 76).

libidinal possível, em maior ou menor grau, em determinados sujeitos. A mulher é então situada nessa posição subjetiva em que se dá uma adesão maior ao sofrimento.

Trata-se de uma noção elaborada há aproximadamente um século, cuja validade e alcance não podem ser tomados como invariáveis no tempo. Entretanto, já naquela época, as elaborações teóricas moviam-se em um movimento pendular entre a tentativa de desvincular esse princípio da figura da mulher e a tendência de reafirmar tal associação.

Lacan acrescenta que, de certo modo, a concepção de um masoquismo estritamente feminino corresponde, na verdade, a uma fantasia masculina – uma forma pela qual o homem só poderia confirmar sua posição enquanto tal, apoiando-se na crença de que a mulher seria aquela que “recebe pancadas”. Tal representação, observa ele, poderia “muito bem ser uma perspectiva de sujeito masculino, na medida em que a posição feminina o afeta” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 257).

O masoquismo moral, considerado o mais importante e destrutivo, caracteriza-se por sua estreita articulação com o sentimento de culpa inconsciente, efeito de uma tensão entre o Eu e o Super-Eu. Pode-se supor que tal valorização decorra de dois aspectos: da experiência clínica, marcada pela observação das reações terapêuticas negativas, e da atribuição, como apresentado em *Totem e Tabu*¹⁰ (1913) e *Moisés e o Monoteísmo* (1939), de um papel decisivo ao sentimento de culpa na constituição das sociedades. Como consequência, o enfoque do masoquismo em sua vertente ligada à clínica da perversão acabou sendo relegado a segundo plano. A escola francesa posteriormente retomou com notável riqueza de casos tal enfoque (Roudinesco e Plon, 1997, p. 683), que receberá uma análise específica no terceiro capítulo.

2.3 O masoquismo moral e o sentimento de culpa inconsciente

A análise do masoquismo moral fundamenta-se no conceito de sentimento de culpa inconsciente, que emerge da relação conflituosa entre o Eu e o Super-Eu. Este último constitui-se a partir da interiorização das exigências parentais¹¹ após o declínio do complexo de Édipo,

¹⁰ Em *Totem e tabu*, Freud mostra que a interdição do incesto e do parricídio constituem o núcleo pelo qual o sujeito se vincula à lei. Portanto, a interdição que instaura a primeira experiência de culpa é a mesma que inscreve o sujeito no campo simbólico (Baladier, 1993/1996, p. 108).

¹¹ Ao longo do desenvolvimento infantil, marcado pela progressiva separação em relação aos pais, a importância pessoal destes para a formação do Super-Eu torna-se secundária. As suas *Imagines* passam então a articular-se com

tornando-se, assim, seu herdeiro. Como instância impossível de satisfazer, o Super-Eu – e sua consciência moral ativa – figura como “representante tanto do Isso como do mundo exterior” (Freud, 1924/2016d, p. 297), exigindo do Eu que realize os impulsos do Isso ao mesmo tempo em que os proíbe.

Freud promove uma reformulação do termo, por considerá-lo paradoxal e “psicologicamente incorreto”, além de observar que os pacientes apresentavam dificuldade em admitir a existência de um sentimento de culpa que fosse inconsciente, pois sabiam “bem demais com que tormentos (remorsos) se expressa um sentimento consciente de culpa” (Freud, 1924/2016d, p. 296). Diante disso, mostra-se mais pertinente a denominação “necessidade de punição”.

No que se refere à distinção entre sua forma consciente e inconsciente, a primeira é concebida como efeito do sadismo do Super-Eu. Já a segunda decorre do próprio masoquismo do Eu, que “anseia por castigo”, seja do Super-Eu ou de instâncias equivalentes a este último (Freud, 1924/2016d, p. 299). Entretanto, “o sadismo do Super-Eu e o masoquismo do Eu se completam um ao outro e se unem para a promoção dos mesmos resultados” (Freud, 1924/2016d, p. 300). Isto é, ambos se articulam a uma mesma necessidade de atenuação por meio da punição e do sofrimento.

Na neurose obsessiva, por exemplo, o sadismo do Super-Eu tende a tornar-se gritantemente consciente na medida em que o sujeito tenta defender-se de sua culpa e anseia por ser liberado de um sofrimento que vivencia como injusto. Já na autodepreciação melancólica, outro exemplo de sentimento de culpa consciente, a pessoa reconhece-se culpada e submete-se às punições que acredita merecer (Vandermersch, 2007, p. 81). No masoquismo moral, por sua vez, o anseio masoquista do Eu permanece velado à consciência e só pode ser inferido a partir de sua conduta (Freud, 1924/2016d, p. 298). Entretanto, como se observa em grande parte dos conceitos psicanalíticos, evidencia-se um caráter paradoxal. Mesmo o sentimento de culpa consciente, em última instância, tem sua origem no inconsciente, uma vez que todo sentimento de culpa deriva do desfecho do complexo de Édipo, processo que, por sua natureza, é inconsciente (Freud, 1923/2011b, p. 65).

outras figuras de autoridade – professores, líderes ou modelos eleitos – cujas características já não necessitam ser diretamente introjetadas pelo Eu (Freud, 1924/2016d, p.298).

Diferentemente das demais, essa modalidade se define por um laço menos estreito com a sexualidade. Tal característica decorre do fato de que o elemento central é o próprio sofrimento, independentemente de sua origem, seja proveniente de uma pessoa amada, um outro qualquer ou de uma instância impessoal. Qualquer que seja sua procedência, o sujeito permanece implicado em uma dinâmica de substituição de um sofrimento por outro. Nesse contexto, declara: “(...) o verdadeiro masoquista sempre oferece a sua face quando vê a oportunidade de receber uma bofetada” (Freud, 1924/2016d, p. 294-295).

Há, neste ponto, um aspecto que merece atenção mais detida. Freud indica um certo afastamento da libido na definição do masoquismo moral e, em seguida, pontua:

Contudo, deve haver um sentido no fato de o uso linguístico também não ter abandonado a relação dessa norma de conduta de vida com o erotismo e chamar de masoquistas aqueles que causam danos a si próprios (Freud, 1924/2016d, p. 295).

Ao concluir o ensaio, retorna a essa hipótese, refutando-a, ainda que reste a dúvida se o faz de modo integral ou apenas parcial. Observa o laço do masoquismo moral com a libido ao considerar que o sentimento de culpa decorre, com frequência, ou mesmo em todos os casos, da repressão da pulsão. Diferentemente do que se poderia supor, não seria a exigência ética que antecede a renúncia pulsional, mas o inverso. “A primeira renúncia pulsional é forçada por poderes exteriores e é só ela que cria a eticidade, que se expressa na consciência moral e exige outra renúncia pulsional” (Freud, 1924/2016d, p. 301).

É evidente que, em psicanálise, nada pode ser concebido sem algum grau de articulação com a sexualidade. Essa distância da sexualidade é pura aparência, uma vez que Freud indica que a necessidade de punição, quando se revela como desejo de ser surrado pelo pai, pode remeter ao de ter com ele relações sexuais passivas.

Outro elemento que pode sustentar o vínculo entre o masoquismo moral e a sexualidade é a observação de Freud (1905/2016, p.40) de que, frequentemente, aquele que se desvia dos padrões éticos ou sociais também apresenta irregularidades em sua vida sexual. Diante disso, é difícil não supor que, nessa norma de conduta da vida, não se encontre também satisfação pela via do gozo masoquista. Não seria ainda o caso de pensar que, talvez pelo efeito de uma inversão, ele viesse a assumir, no ato genital, a posição do sádico? Fosse tomado pela fantasia ativa ou passiva de crueldade, não pareceria desapropriado pensar que, justamente nesse ato, o

masoquista “moral” buscasse fazer emergir algo de real em relação ao seu sentimento de culpa inconsciente.

Esse alívio, decorrente da possibilidade de ligar o sentimento de culpa inconsciente a algo real e imediato – o que neste trabalho se especula poder ocorrer também no ato sexual –, manifesta-se de modo exemplar em certos atos criminosos (Freud, 1924/2016d, p. 300). Em uma ação considerada pecaminosa, que demanda posterior expiação pelas críticas da consciência moral de tonalidade sádica ou pelo castigo corporal associado ao grande poder parental do destino, o sujeito masoquista, por caminhos desviados e contraditórios, acaba por satisfazer sua exigência interior de punição.

Para provocar o castigo (...) o masoquista precisa fazer coisas inapropriadas, trabalhar contra seu próprio benefício, destruir as perspectivas que a ele se abrem no mundo real e, eventualmente, aniquilar sua própria existência real (Freud, 1924/2016d, p.300).

Cabe pensar, então, que, sendo o masoquista aquele que busca infligir dano a si próprio e retira desse processo um prazer de outra ordem, a culpa atua, em nível inconsciente, como o motor do sofrimento. A pessoa mantém-se na posição de sentir-se culpada, justificando, assim, sua posição de eterno padecimento, de onde extrai sua modalidade própria de gozo. Em relação a esse objetivo, percorre circuitos que lhe permitem, de um modo ou de outro, continuar a se culpabilizar, fazendo dessa dinâmica o núcleo do gozo sofredor que, paradoxalmente, proporciona-lhe intensa satisfação. De certo modo, a culpa se apresenta não como efeito posterior, mas como o meio do sujeito legitimar a eterna transgressão de uma norma ou lei e, assim, perpetuar o próprio sofrimento¹².

Na clínica, Freud identificou uma manifestação perigosa do masoquismo moral, a reação terapêutica negativa. Fenômeno em que, diante da possibilidade de melhora, o paciente reage de forma contrária ao avanço do tratamento – uma forma “extrema e, sem dúvida, patológica” (Freud, 1924/2016d, p. 295). Tal fenômeno constitui um dos maiores obstáculos ao desenrolar da análise, sendo acompanhado pela possibilidade de que, diante de aparentes êxitos terapêuticos, ocorram passagens ao ato que desencadeiam novos distúrbios.

(...) contra toda teoria e expectativa, uma neurose que resistiu a todo esforço terapêutico pode desaparecer, se a pessoa cai na miséria de um casamento infeliz, perde seu patrimônio ou contrai uma grave doença orgânica. Uma forma de sofrimento foi,

¹² Como visto anteriormente, a mesma lógica pode ser pensada também no contexto das fantasias de surra.

então, dissolvida na outra, e percebemos que só importou uma certa dose de sofrimento (Freud, 1924/2016d, p. 295, 296).

Um movimento análogo pode ser observado fora do contexto analítico, entre pessoas que, tendo sido ativas e criativas na busca de um objetivo longamente desejado, mostram-se incapazes de usufruir do êxito alcançado, vivenciando o sucesso como se fosse uma forma de fracasso. Baladier (1993/1996, p. 106) recorda que uma das descrições mais ricas dessa frustração paradoxal está no comentário que Freud faz sobre a peça de Ibsen, *Rosmersholm*, em *Arruinados pelo êxito* (1916).

A jovem Rebecca Gamvik é acolhida pelo pastor Johannes Rosmer e por sua esposa Beate e passa progressivamente a nutrir por Rosmer um afeto intenso, movido por um impulso incontrolável de ser amada por ele. Em consequência de um plano que conduz Beate ao suicídio, Rebecca passa a compartilhar a casa apenas com o pastor. No entanto, quando o vínculo amoroso parece enfim realizável, e Rosmer lhe propõe casamento, ela é subitamente tomada por uma impossibilidade e justifica sua recusa ao dizer-se prisioneira do próprio passado.

Esse passado é marcado por três segredos, sendo apenas um deles inconsciente. O primeiro refere-se ao envolvimento na morte de Beate; o segundo, à relação sexual com o homem que a acolheu após a perda da mãe. O terceiro segredo, de natureza recalculada e vinculada ao complexo de Édipo, é revelado pela descoberta de que esse homem era, de fato, seu pai. Assim, a recusa de Rebecca ao amor de Rosmer não decorre apenas de um remorso consciente, mas de uma culpa que a enreda em sua própria história.

Parece pertinente aproximar essa formulação da fantasia de surra, concebida como possível substituto regressivo do Édipo, na qual a culpa se articula ao gozo, funcionando como aquilo que o impele e, simultaneamente, o condiciona. No masoquismo moral, entretanto, delineia-se uma espécie de reversão: sob o efeito da culpa, o gozo é barrado, e é justamente nessa contenção que se institui uma satisfação de outra ordem – o que talvez explique o caráter devastador que Freud atribui a essa modalidade de masoquismo.

3. A PERVERSÃO MASOQUISTA

A conclusão que agora se apresenta para nós é que, de fato, há algo congênito na base das perversões, mas algo que todos os seres humanos têm em comum, que, como predisposição, pode oscilar na intensidade e ser enfatizado pelas influências da vida.

Sigmund Freud, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*

3.1 A estrutura perversa

Originário do latim *perverttere*, o termo foi empregado pela psiquiatria e pela sexologia no século XIX para designar práticas sexuais desviantes. Em Freud, embora permaneça de algum modo a referência à norma e ao desvio, essa acepção encontra-se desprovida de qualquer conotação pejorativa e moral. Tal deslocamento decorre da formulação freudiana que inscreveu na sexualidade humana um traço perverso constitutivo. Do mesmo modo que introduziu no campo da neurose sujeitos até então considerados “normais”, Freud realiza, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), um movimento análogo de reconfiguração conceitual ao tratar da perversão.

Em nenhum indivíduo são estaria ausente, em sua meta sexual normal, um ingrediente a ser denominado perverso, e já bastaria essa universalidade para demonstrar como é inadequado usar reprovativamente o nome “perversão” (Freud, 1905/2016a, p. 56).

Mesmo na meta sexual considerada “normal”, isto é, a união dos genitais feminino e masculino no ato de copulação, podem ser reconhecidos rudimentos que, se desenvolvidos, conduzem justamente àquilo que se denomina perversão (Freud, 1905/2016a, p. 40). Em certo sentido, toda concepção que reduz a sexualidade à reprodução desconsidera a verdadeira dimensão do desejo, que, ao se submeter às leis da linguagem, escapa a qualquer finalidade imediatamente apreensível. Tal caráter evidencia-se, entre outros aspectos, no fato de que “a natureza da excitação sexual nos é inteiramente desconhecida” (Freud, 1905/2016a, p. 118).

A pressão por satisfação parece tratar-se de uma espécie de força avassaladora que se impõe ao sujeito reivindicando ação. Em *As pulsões e seus destinos* (1915/2013, p. 31), Freud recorre à biologia para enfatizar que a sexualidade não se equipara às demais funções, pois suas tendências ultrapassam o plano individual e visam à conservação da espécie. A pulsão sexual se funda nessa força primitiva que, tomando o sujeito como um simples “apêndice temporário”, orienta-se para fins que o transcendem. Talvez por essa razão a pretensa onipotência do amor se obscurece diante da força de suas aberrações (Freud, 1905/2016a, p. 57).

Freud (1905/2016a, p.40) observa que, com frequência, o sujeito considerado “anormal” em termos morais ou sociais também o será em sua vida sexual. O inverso, porém, não se confirma. Aquele que apresenta perturbações na esfera sexual não é necessariamente desviante em outras dimensões de sua vida. Nesses casos, acompanha-se o processo de evolução cultural e social em diversos aspectos, “cujo ponto fraco permanece a sexualidade”.

O uso da expressão “ponto fraco” pode servir de apoio àqueles que procuram sustentar uma leitura desenvolvimentista de Freud, segundo a qual as pulsões parciais da sexualidade infantil cederiam lugar à primazia genital (primazia do falo). Com Lacan, tal perspectiva passa a ser problematizada (Balbure, 2007, p.324), evidenciando que não se trata de um percurso evolutivo orientado para a unificação das pulsões em torno da genitalidade. Ao contrário, persiste uma organização dos objetos pulsionais – oral, anal, vocal e escópico – que, embora ocupem posições relativamente estabilizadas, continuam a operar de modo singular em cada sujeito segundo uma variação aceitável.

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), são distinguidos dois tipos de perversão: aquelas que se caracterizam por uma fixação em um único objeto, em detrimento dos demais, e aquelas definidas por desvios em relação à meta sexual. No que diz respeito ao objeto, o autor menciona tanto as relações sexuais com um parceiro humano, como nos casos de incesto, homossexualidade, pedofilia e autoerotismo, quanto aquelas voltadas a um objeto não humano, como no fetichismo e na zoofilia. Quanto à meta, Freud destaca três modalidades principais: o prazer visual, presente no exibicionismo e no voyeurismo; o prazer de provocar ou sofrer dor, como no sadismo e no masoquismo; e o prazer decorrente da superestimulação exclusiva de uma zona erógena.

No entanto, percebe-se um rigoroso cuidado em não traçar fronteiras demasiado rígidas. Não se trata de colocar em dúvida a existência da perversão em sua vertente patológica, mas de

reconhecer que há algo nesse campo que resiste ao contorno. No tópico “pessoas sexualmente imaturas e animais como objetos sexuais” (p.38), é observado que, embora tais casos possam ser reconhecidos como patológicos, não seria correto reduzi-los apenas à esfera da doença mental. Freud acrescenta que a diferença entre as manifestações consideradas patológicas e as normais não reside em uma qualidade distinta, mas sim na intensidade com que se apresentam ou, mais decisivamente, no fato de se tornarem exclusivas. Desse modo, quando um traço perverso comparece como uma via possível coexistindo com metas e objetos “normais”, sua presença não implica necessariamente um estatuto patológico. No entanto, quando se impõe de forma cristalizada, tornando-se a única modalidade de gozo possível, tem-se a configuração da chamada perversão patológica (Freud, 1905/2016a, p. 57).

Sob a insígnia das flutuações pulsionais, a relação entre neurose e perversão se estabelece como uma articulação na qual a segunda surge como atualização dos modos de satisfação sexual recalados na neurose que retornam sob a forma de sintoma. É nesse sentido que Freud afirma “a neurose é o negativo da perversão” (Freud, 1905/2016a, p. 63). Em outras palavras, os sintomas neuróticos se constituem como expressão desviada ou convertida de tendências que poderiam ser qualificadas perversas, caso viessem à tona diretamente em atos ou fantasias. Portanto, as duas estruturas compartilham uma mesma base pulsional, diferenciando-se pela forma de manifestação: onde na perversão há fantasia e realização direta, na neurose observa-se a conversão em sintoma (Freud, 1905/2016a, p. 63).

Se aqui Freud situa as fantasias no campo da perversão, Lacan opera um deslocamento que lhes confere outro estatuto¹³. Citada por Danielle Brillaud (2023, p. 284), a leitura de Lacan indica que a fantasia funcionaria como uma espécie de apoio ou elemento suplementar, uma “muleta”, cuja função seria suprir uma carência intrínseca ao desejo. Essa “carência do desejo” não diz respeito a uma falta episódica nem a seu enfraquecimento, mas à própria estrutura da neurose. Na fobia, é evitado; na histeria, permanece insatisfeito; e na neurose obsessiva, torna-se impossível. Por essa razão, fantasia e desejo mantêm uma articulação estrutural. Não surpreende, portanto, que a fantasia adquira relevância não apenas para a vida sexual, mas para

¹³ Evidentemente que Freud não se detém nesse ponto. Em *As fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade* (1908/2015, p. 193), observa que as performances encenadas em pensamento ou na realidade por certos pervertidos encontram correspondência em formações psíquicas análogas presentes em todas as psiconeuroses.

a experiência humana em geral, ocupando lugar central na constituição da sintomatologia neurótica. O recalque, ao obstruir a satisfação do desejo, leva ao reinvestimento das fantasias e à repetição daquela primeira solução encontrada pelo aparelho psíquico diante da urgência pulsional. Dessa forma, o fantasiar constitui um substituto para a realidade, revelando distintos modos de relação do sujeito com o mundo. Assim, a neurose evidencia, mais uma vez, sua forma de “submissão” ao princípio de realidade.

O perverso, por outro lado, deixa que seu universo se apresente de maneira desvelada, sem carências, colocando-se imediatamente diante do obsceno. Já o neurótico, ainda que consinta em falar de seus sintomas e fantasias, o faz atravessado pelo pudor e preserva o véu sobre aquilo que não deve ser exibido (Brillaud, 2023, p. 288).

Entre 1905 e 1927, verifica-se na obra freudiana um deslocamento progressivo do interesse pela descrição das perversões sexuais para a formulação de uma teoria da perversão (Roudinesco e Plon, 1997, p. 585). A prova do funcionamento perverso deixa de ser essa ou aquela conduta sexual e passa a residir em um mecanismo específico de negação da castração, o desmentido (*Verleugnung*¹⁴). De forma análoga, o recalque (*Verdrängung*) corresponde à solução neurótica, enquanto a foracclusão (*Verwerfung*) caracteriza a psicótica. Lacan (1955-1956/1988, p.173) assinala que, no âmbito do recalque, o sujeito conserva algum saber sobre aquilo de que pretende nada saber. No caso da perversão, embora também se reconheça a castração, não se quer saber nada sobre – o que produz uma saída singular e um afastamento da falta mais veemente do que o observado na neurose. É justamente essa possibilidade de admitir e recusar a castração que caracteriza a lógica da *Verleugnung*: a criança não a nega completamente, mas também não a reconhece de forma plena, ela a desmente.

Inicialmente¹⁵ o conceito foi usado para dar conta de uma atitude peculiar observada em alguns meninos quando confrontados com a ausência do pênis no corpo da mulher.

¹⁴ Traduzido também por “negação”, “rejeição”, “recusa” ou “repúdio”. Contudo, neste trabalho adota-se, conforme observa Hanns, o termo “desmentido”, por se aproximar mais fielmente do conceito freudiano em alemão, uma vez que a palavra *Verleugnung* mantém-se ambígua entre a verdade e a mentira (Hanns, 1996, p.303).

¹⁵ Além de sua ocorrência em *A organização genital infantil* (1923), o termo é retomado em *A perda da realidade na neurose e na psicose* (1924), em que passa a designar o mecanismo de defesa característico da psicose, posteriormente reformulado sob a noção de *Verwerfung*.

Eles recusam essa ausência, acreditam ver um membro, atenuam a contradição entre o que viram e o que esperavam, mediante a evasiva de que ele é ainda pequeno e crescerá, e aos poucos chegam à conclusão emocionalmente significativa de que no mínimo ele estava presente e depois foi retirado (Freud, 1923/2011a, p.173).

Em *Fetichismo* (1927/2016e, p.316), o termo é empregado para designar a operação pela qual o sujeito nega parcialmente a castração ao eleger um objeto fetiche como substituto do pênis da mãe. O caso relatado levou Freud a evidenciar o primado do falo e a constituição de um objeto substitutivo de valor metonímico, o que permitiu tomar o fetichismo como modelo a partir do qual podem ser compreendidas as demais formas de perversão (Hiltenbrand, 2007, p. 294).

Ao deparar-se com a falta do pênis na mãe, a criança reconhece a ameaça que pesa sobre o próprio órgão e resiste a abrir mão da representação fálica (Freud, 1927/2016e, p. 316). A ameaça é, sem dúvida, um dos fatores implicados no desmentido, mas não o único. *Verleugnung* designa um mecanismo de notável complexidade que, em Lacan, adquire novas nuances teóricas ao ser articulado às dimensões do desejo, do gozo e da lei. Além disso, cada forma de perversão instaura modos singulares de relação com o conceito.

Por ora, busca-se analisar com maior detimento, ainda que sem a pretensão de esgotar o tema, de que modo a formulação de Freud acerca do processo perverso pode ser retomada à luz da noção lacaniana de “ponto de ancoramento” da escolha perversa. Em *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1959), Lacan afirma:

Todo o problema das perversões consiste em conceber como a criança, em sua relação com a mãe, relação esta constituída na análise, não por sua dependência vital, mas pela dependência de seu amor, isto é, pelo desejo de seu desejo, identifica-se com o objeto imaginário desse desejo, na medida em que a própria mãe o simboliza no falo (Lacan, 1959/1998, p. 561).

Conforme se depreende da citação anterior, esse ponto se situa no primeiro tempo do Édipo (Lacan, 1957-1958/1999), precisamente na identificação fálica da criança. Nessa fase, em que o desejo materno ainda não foi nomeado – e, portanto, sua falta tampouco inscrita –, a mãe surge como uma figura onipotente e detentora do falo. Ao ocupar ela própria o lugar desse falo imaginário, a criança sustenta a ilusão de ser aquilo que poderia completar o Outro materno. Trata-se, portanto, de uma etapa em que o gozo ainda não foi sacrificado, mantendo a criança numa relação de gozo absoluto com a mãe.

Considerando um rigor maior, embora o termo empregado seja “desejo”, sua dimensão propriamente dita ainda não foi inscrita, uma vez que, como visto, a falta materna permanece ainda sem nomeação. A criança pode identificar-se com o objeto que falta à mãe precisamente porque ainda não se trata do campo do desejo, mas da demanda, em que há a possibilidade de um objeto específico, neste caso, o falo imaginário. Uma vez articulado na linguagem, o desejo não se fixa, mas desloca-se, vagando de um objeto ao outro (Fink, 1999/2018, p. 181).

A certeza imaginária da identificação fálica é inevitavelmente confrontada por uma ordem de realidade, a lei paterna, que se apresenta sob a figura do pai imaginário¹⁶. Sustentado pelo discurso significante da mãe¹⁷, ele só ocupa a posição de rival fálico por meio da intercessão do significante da falta no Outro materno. Delineia-se, então, o campo do gozo do Outro - estranho e interdito – do qual a criança apenas se reconhece excluída. Esse pressentimento anuncia o esboço de um saber inédito sobre o desejo do Outro (Dor, 1993/1996, p. 420). Observa-se que esse desejo do Outro, agora, comporta um “para-além” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 190).

É assim que o desejo de Outra coisa, do qual falei oito dias atrás, faz sua entrada, de maneira confusa e inteiramente virtual (...). Há nela o desejo de Outra coisa que não o satisfaz meu próprio desejo, que começa a palpitar para a vida (Lacan, 1957-1958/1999, p.188).

Assim, a criança confronta-se com descobertas fundamentais que reorientam o movimento de seu desejo. O pai surge como aquele que nomeia o desejo da mãe, inscrevendo-a como faltosa e forçando a criança a abandonar a posição de falo imaginário (Dor, 1993/1996, p. 420). Ao fazê-lo, ele a convida a deslocar-se dessa posição em direção ao registro de quem pode ter o falo, na medida em que se apresenta como aquele que supostamente o possui. Impõe, assim, à criança a lei segundo a qual o desejo se inscreve submetido à lei do desejo do Outro (Lacan, 1957-1958/1999, p. 282). Lei esta que foi parcialmente fracassada para o perverso.

(...) o que o sujeito deseja de Outro? Seguramente, isso é ao mesmo tempo difícil de pensar e muito difícil de efetuar, pois justamente aí reside todo o drama do que acontece nesse nível primitivo de entroncamento das perversões (Lacan, 1957-1958/1999, p.188).

¹⁶ Isto é, conforme a criança o representa para si mesma na economia de seu desejo, a partir do discurso que a mãe lhe dirige.

¹⁷ A intrusão paterna, sob a figura do pai imaginário, só pode provocar a vacilação na identificação fálica da criança quando, no discurso materno, a mãe se apresenta como possível objeto do desejo do pai (Dor, 1993/1996, p.420).

A falta da mãe (do Outro materno) precisa ser simbolizada para que a criança possa tornar-se um sujeito desejante. Na perversão, essa simbolização se realiza parcialmente, pois nenhum significante é introduzido para fazer essa falta existir no nível do pensamento e, assim, aliviar seu peso real (Fink, 1999/2018, p. 182). O perverso, portanto, enclausura-se na representação de uma falta não simbolizável, que se expressa como uma contestação psíquica inesgotável sustentada pelo desmentido da castração materna. Esse compromisso ao qual o perverso se apega, predetermina, inevitavelmente, certos comportamentos estereotipados diante da lei, que serão discutidos no próximo tópico. É, assim, por conservar essa posição ambígua de recusa da falta que ele permanece fixado em sua identificação fálica, mantendo seu gozo puro e não sacrificado.

A fantasia de uma mãe *não faltosa* neutraliza assim a incidência paterna (e a diferença dos sexos) e permite a ele próprio comportar-se como substituto do único objeto do desejo que a faz gozar (Dor, 1993/1996, p. 421).

A sustentação da posição à margem da falta exige a instauração ilusória de uma cena relacional e sexual na qual a falta não recaia nem sobre si nem sobre o Outro, permitindo ao sujeito triunfar, repetidamente, frente à castração. Tal arranjo não deve ser confundido com uma dispensa da falta, pois o sujeito permanece fixado a essa cena, sendo por ela tão prisioneiro quanto o neurótico é de seu sintoma. O perverso parece experimentar uma inteireza e completude com que o neurótico apenas pode sonhar ou fantasiar. Na realidade, porém, a angústia domina sua sexualidade pelo mesmo motivo que sustenta sua ilusão de plenitude. Condenado à repetição de fantasias inconscientes que evocam um gozo interminável, quando busca satisfação em atividades concretas, depara-se com um limite poderoso que revela, de forma contundente, a impossibilidade de um gozo absoluto (Fink, 1999/2018, p. 184).

Interroguemos esse gozo, precário por estar preso, no Outro, a um eco que ele só suscita ao aboli-lo pouco a pouco, por lhe juntar o intolerável. Não nos parece, afinal, que ele só se exalta por si mesmo, à maneira de uma outra e horrível liberdade? (Lacan, 1962/1998, p. 783).

A castração implica o reconhecimento de uma perda em torno da qual o sujeito se constitui, uma parcela de gozo é então irremediavelmente subtraída e interditada pela lei. A resposta perversa, em vez de se apoiar nos efeitos de desejo que decorrem dessa falta, dedica-se

a tentar restaurar o gozo perdido por meio de um objeto que o encarne (Hiltenbrand, 2007, p. 294), podendo este, como veremos adiante, ser tomado como a própria lei.

Freud enfatiza a recusa do sujeito perverso em sacrificar o gozo para conservar aquele que extraí da relação com a mãe. Lacan, por sua vez, sublinha uma certa insuficiência da função paterna (Fink, 1999/2018, p. 178) e propõe abordar a perversão a partir de sua relação íntima com a lei. Tal dinâmica revela-se à medida em que o perverso se exaure na tentativa de demonstrar que a única lei que reconhece é a lei imperativa de seu próprio gozo. Essa problemática será examinada, a seguir, sob a perspectiva do masoquismo.

3.2 A posição objetal e a lei

Observou-se que a perversão se inscreve como um traço constitutivo da sexualidade, podendo também adquirir um caráter patológico. Nesses casos, fixações passam a determinar o modo de funcionamento da vida sexual, configurando um quadro em que prevalece uma única modalidade de gozo. Freud a concebeu como a forma positivada da neurose, o que possibilita uma distinção estrutural entre sintoma e ato, oposição que, em Lacan, desdobra-se na diferença entre o que se conserva no campo da fantasia e o que é posto em cena. Além disso, discutiu-se o conceito de *Verleugnung*, o que abriu espaço para examinar o ponto de ancoragem da estrutura perversa e suas implicações.

Este tópico busca avançar nas elaborações de Lacan acerca da perversão acrescentando duas questões. A primeira diz respeito ao empenho do perverso em assegurar a existência do Outro e, nessa direção, ao modo como ele se oferece como objeto destinado a tamponar sua falta. O exame dessa dinâmica conduz ao segundo ponto, a complexa trama que articula lei e gozo, cujas relações se entrelaçam em nós quase indissociáveis. O que se propõe aqui não é dar conta de toda a extensão desse problema, mas apenas delinear um percurso possível, ainda fragmentário, que permita vislumbrar um ponto de encontro entre essas formulações e a questão do masoquismo.

O que em Freud se apresenta como recusa da lei é reinterpretado por Lacan como empenho em fazê-la existir. Embora à primeira vista pareça opor-se a Freud, o que ele faz é ir mais longe. Essa estrutura, ainda que se manifeste como busca incessante de gozo, cumpre a função menos evidente de instaurar a própria lei, isto é, de fazer existir o Outro como aquele

que a enuncia. Sem retomar o desenvolvimento anterior, cabe reforçar que as formulações de Lacan discutidas neste tópico parecem permanecer, em grande medida, ancoradas na identificação fálica da criança.

No Seminário *De um Outro ao outro* (1968-1969/2006), é proposto que a função do perverso, cuja base estaria no desprezo pelo outro, deve ser analisada a partir da problemática de fazer o Outro existir.

(...) o perverso é aquele que se consagra a tapar o buraco no Outro. Para introduzir aqui as cores que dão relevo às coisas, direi que, até certo ponto, ele está do lado do fato de que o Outro existe. É um defensor da fé (Lacan, 1968-1969/2006, p.245).

O Outro a que se faz referência, lugar onde cada um busca o sentido da existência, confunde-se, no limite, com Deus (Chemama, 2007, p. 243). Nessa perspectiva, o perverso surge como aquele que se empenha em responder à pergunta que atravessa a todos: de que modo fazer com que Deus exista? É a essa tarefa que ele se exaure em consagrar e o faz encontrando-se na posição de objeto que vem preencher a falta no Outro – operação que confirma o lugar que ocupa à margem do registro da falta.

Ao discutir o masoquismo em *O osso de uma análise* (2015, p.30), Miller afirma: “que ele me bata não é o que conta, o que conta é que eu seja seu objeto, que eu seja seu parceiro-sintoma, se isso me devasta, tanto melhor”. Portanto, parece se referir a uma submissão absoluta ao Outro, na qual ele consente em abdicar do comando de seu prazer, entregando ao sádico as chaves de seu gozo. No seminário *A angústia* (1962-1963/2005, p.118), Lacan articula a posição masoquista a partir da “encarnação de si mesmo como objeto”, sendo esse seu objetivo declarado.

(...) quer ele se torne um cachorro embaixo da mesa, quer uma mercadoria, um item negociado num contrato, sendo vendido entre outros objetos a ser postos no mercado. Em suma, o que ele busca é sua identificação com o objeto comum, o objeto de troca (Lacan, 1962-1963/2005, p.118).

Ao se oferecer ao olhar do Outro como objeto capaz de completá-lo, o perverso inscreve na ilusão de uma figura onipotente, um Outro inteiro. Assim, apaga-se enquanto sujeito para ocupar a função de objeto, mas não sem deixar um resto que testemunha o processo (Brillaud, 2023, p. 258). Aqui se revela uma dupla face dessa encenação: a tentação de apagar-se, inteiramente aderida à pulsão de morte, por um lado, permite que o Outro exista; por

outro, o resto que permanece como sujeito atesta o gozo que dela se extrai. Não seria justamente por extrair seu gozo da própria condição de objeto que o perverso masoquista realiza, nessa operação, uma experiência mais intensa, talvez mesmo mais eficaz, do que qualquer outra especificidade perversa? Pois é essa queda, e somente essa, que o garante “de responder como um cão” (Lacan, 1968-1969/2006, p. 249).

O que se deixa entrever aí é uma inclinação que atravessa todo sujeito, como se cada um pressentisse no sofrimento uma via de inscrição no olhar do Outro. Ocorre que esse Outro, cuja existência fica suspensa em uma garantia que falta, não responde. Diante desse silêncio, o masoquista encontra no padecimento o vestígio de que, aos olhos do Outro, ainda exista (Chemama, 2007, p. 243).

Além disso, há algo dessa identificação com o objeto que também ultrapassa a singularidade masoquista e ressoa no modo como o laço se estrutura. Toda relação comporta um traço objetal, pois o sujeito, ainda que se afirme como tal, não escapa à condição de também ser objeto. No limite, não há relação propriamente intersubjetiva, pois trata-se sempre de um sujeito confrontado com seu objeto e, do outro lado, um sujeito que se reconhece como objeto de desejo. Nesse sentido, “(...) reconhecer-se como objeto de desejo, no sentido como o artícuo, é sempre masoquista” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 119).

A célebre formulação de Freud sobre a melancolia – “A sombra do objeto caiu sobre o Eu” (1917 [1915]/2010a, p.133) –, apoia Lacan em seu desenvolvimento da concepção da condição objetalizada do melancólico, marcada pela identificação com a face descartável, rejeitada e angustiante do objeto *a*. O melancólico torna-se saturado pela presença do objeto que ele mesmo encarna, e “cuja queda o arrasta à precipitação suicida” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 364). O masoquista parece identificar-se precisamente com essa face do objeto abjeto, obsceno e que não deve ser mostrado, da qual extrai o gozo em sua forma mais pura e absoluta. Ainda assim, ele apenas revela uma modalidade de encarnação, sem de modo algum esgotá-lo. O objeto *a* permanece como algo que só pode ser delineado por contorno, jamais plenamente apreensível (Lacan, 1962-1963/2005, p.120).

É que o próprio masoquista aparece na função que chamarei de função do dejeto. É nosso objeto *a*, mas sob a aparência do deslustrado, do atirado aos cães, à imundície, à lata de lixo, ao rebotalho do objeto comum, na impossibilidade de colocá-lo em outro lugar. Esse é um dos aspectos em que pode aparecer o *a* tal como ilustrado na perversão (Lacan, 1962-1963/2005, p.120).

Por outro lado, a estrutura neurótica estabelece-se justamente a partir da possibilidade de o sujeito separar-se do objeto e de encobrir a face que o angustia. Para ele, o objeto *a* apresenta-se como aquilo que mais deseja, mas cuja proximidade desperta a angústia e o leva a recuar. Desse modo, a aproximação do objeto deve ocorrer com prudência, pois, sendo aquilo sem o qual a angústia não se manifesta, é também um objeto perigoso cuja ausência o constitui (Lacan, 1962-1963/2005, p. 119).

Antes de abordar a relação do masoquista com a lei, convém destacar um último ponto ainda relativo à sua condição de objeto, mas que se situa nas margens dessa dinâmica, no limite do próprio funcionamento masoquista, onde se revela “uma certa derrisão” (Lacan, 1968-1969/2006, p. 250).

Em uma leitura superficial, o masoquista parece dedicar-se a satisfazer o parceiro – aquele que ocupa o lugar do Outro – sem exigir nada em troca e assumindo a posição de dejeto do gozo alheio. Essa aparente entrega camufla a manobra pela qual o próprio gozo é posto em cena. Lacan assinala que sadismo e masoquismo operam de maneira semelhante, com a diferença de que o sádico intervém de modo mais ingênuo, tomando-se como sujeito do gozo. Já ao masoquista, pouco importa o que ocorre no campo do Outro para além de sua função no jogo, pois é ele quem domina a cena e conhece o gozo que pretende extrair (Lacan, 1966-1967/2023, p. 336).

O fato de o masoquista instaurar uma situação regulada previamente e em todos os seus detalhes, que podem ir ao ponto de fazê-lo permanecer embaixo de uma mesa na posição de um cachorro, faz parte de uma encenação cujo cenário tem um sentido, e se encontra incontestavelmente no princípio de um benefício de gozo (...). Esse gozo está estreitamente ligado a certa manobra do Outro que se expressa mais comumente sob a forma do contrato – entenda-se do contrato escrito – que dita ao Outro a sua conduta, bem mais do que ao próprio masoquista (Lacan, 1966-1967/2023, p. 266).

A cena delineada comporta um sádico que enuncia a lei. Em uma configuração que dispensa sua figura – como a pensada por Deleuze¹⁸ – o masoquista se mostra ainda mais “agente”. A articulação proposta por Lacan (1962) indica que ele busca, antes de tudo, suscitar a angústia no Outro para que assim esteja do lado de que o Outro existe – provocar angústia

¹⁸ Deleuze contesta a ideia de uma unidade entre sadismo e masoquismo, observando que essa crença “baseia-se não numa argumentação propriamente psicanalítica, mas numa tradição pré-freudiana, feita de assimilações apressadas e de más interpretações geneticistas que a psicanálise, é verdade, se contentou em tornar mais convincentes, em vez de colocá-las em questão” (Deleuze, 1983, p. 129).

constitui uma das vias que dão acesso mais direto a essa dimensão do Outro (Chemama, 2007, p. 282).

Pois bem, o que escapa ao masoquista, e que o coloca na mesma situação de todos os perversos, é que ele acredita, com certeza, que o que procura é o gozo do Outro, e, justamente por acreditar nisso, não é isso que ele busca. O que lhe escapa, embora seja uma verdade sensível, jogada por aí em toda parte, ao alcance de todos, porém nunca vista em seu verdadeiro nível de função, o que ele busca é a angústia do Outro (Lacan, 1962-1963/2005, p.168).

Nessa lógica, ele se empenha em oferecer prazer ao Outro, o que nada mais seria do que uma meta fantasmática, até que esse excesso se torne insuportável, levando o Outro a impor limites Fink, 1999/2018, p. 191). Assim, ao suscitar a angústia no Outro, o masoquista obtém deste o pronunciamento tão almejado e a “resposta à queda essencial do sujeito em sua miséria suprema” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 182).

Para ir um pouco mais além, é necessário considerar como, em *Kant com Sade* (1962), Lacan complexifica a noção de lei. Tal abordagem revela-se especialmente útil para a análise do personagem Vaughan, que será feita mais adiante. A despeito de suas diferenças, Kant e Sade se orientam por um mesmo imperativo categórico de ordem transcendente, em que o primeiro defende o bem e o segundo eleva o mal à condição de lei da natureza. Ambas as formulações apontam para um direito de caráter universal, sendo o kantiano fundado no direito à lei e o sadiano, no direito ao gozo.

Em termos bastante sintéticos, pode-se afirmar que o filósofo alemão busca reconciliar a razão com a dimensão prática por meio da fundamentação de uma lei moral incondicional, de caráter categórico e de aspiração universalizante. Caso a razão não fosse capaz de sustentar a realidade objetiva de uma lei moral válida para todos, a ação humana permaneceria submetida à contingência das causalidades naturais ou históricas. Nesse cenário, o humano se reduziria ao efeito de suas circunstâncias, a ideia de uma vontade livre perderia sentido e caberia à natureza o papel de fornecer a lei.

A máxima sadiana, ao modo do imperativo categórico de Kant, reclama validade universal e se exprime como o direito ao gozo do corpo do outro. “Tenho o direito de gozar de teu corpo, pode dizer-me qualquer um, e exercerei esse direito, sem que nenhum limite me detenha no capricho das extorsões que me dê gosto de nele saciar” (Lacan, 1962/1998, p. 780). A lei do gozo é sustentada na exigência de realizar a pura forma da lei que se expressa pela sua

tirania¹⁹ e não considera consequências, mesmo quando estas se traduzem apenas em dor e sofrimento. Para Lacan, a perversão aparece como o limite do circuito, uma vez que, para assegurar o cumprimento absoluto da lei, “rechaça, destrói, elimina sem pudor qualquer objeto que turve seu caminho” (Andrade e Birman, 2021, p. 184).

O que num primeiro momento destinava a instaurar um laço intersubjetivo, sustentado pelo reconhecimento da falta e pelo limite que faz surgir o sujeito, acaba por adquirir um aspecto totalizante e tirânico. Desse movimento decorre uma inversão na qual a própria função se volta contra si mesma. No lugar onde se reconheceria a lei do pai e os limites impostos pela castração, o sujeito perverso a toma como a própria *Coisa*, negando, assim, sua ausência (Andrade e Birman, 2021, p. 184). “Da mesma forma veremos descobrir-se o terceiro termo que, no dizer de Kant, faltaria na experiência moral. Trata-se do objeto, o qual, a fim de garanti-lo para a vontade do cumprimento da Lei, ele é obrigado a remeter ao impensável da *Coisa-em-si*” (Lacan, 1962/1998, p. 783).

Espera-se, assim, que da conformação da vontade à lei advenha um gozo para além do prazer (Andrade e Birman, 2021, p. 184; Safatle, 2006, p. 155). Tal gozo parece remeter a uma experiência de esvaziamento extremo das tensões, na medida em que a lei se estabelece como única e universalmente válida, a lei da natureza, cujo limite se define apenas no esgotamento da própria matéria.

O que faz Sade que não buscar a volta ao estado de natureza, onde esta é a única lei, único guia? Estado anterior sem resíduo, estado de completude onde a *Coisa* (em si e per si), esse inominável, é apreendida e consumida num movimento de destruição e (re)criação incessante. Gozo supremo, gozo puro, morte, reinvenção (Andrade e Birman, 2021, p.176).

Ao submeter-se integralmente à lei, o sujeito corre o risco de experimentar o gozo sob sua face mortífera, destino que encontra ressonância na pulsão masoquista. Estaria o perverso masoquista duplamente orientado por uma inclinação ao autoaniquilamento? Por um lado, pelo imperativo da lei do gozo; por outro, por uma economia pulsional em que a dor, o apagamento do sujeito e, no limite, a morte se configuram como horizonte último? Dito de outro modo, seria ele quem mais intensamente adere ao gozo que advém da satisfação da pulsão de morte?

¹⁹ É interessante observar que Freud em *O problema econômico do masoquismo* (1924/2016d, p. 297) estabelece uma relação entre o Super-Eu – concebido como herdeiro do complexo de Édipo – e o imperativo categórico de Kant.

No filme *Crash*, que será analisado em maior detalhe no próximo tópico, o personagem Vaughan encarna, de modo paradigmático, essa lógica. Tomado por uma excitação extrema diante de experiências em que a morte e a dor se fazem presentes, a tentativa de proferir a lei de seu gozo o conduz a um destino no qual satisfação e destruição se tornam indiscerníveis.

3.3 O masoquista perverso e o masoquista neurótico

Este tópico volta-se a dois personagens cinematográficos: Séverine, em *Belle de Jour* (Luis Buñuel, 1967), e Vaughan, em *Crash* (David Cronenberg, 1996). Ambos apresentam o traço de uma economia pulsional masoquista; com Séverine, abre-se a possibilidade de pensar o gozo perverso na neurose, enquanto em Vaughan observa-se uma perversão levada ao limite, quase caricata em sua evidência.

No seminário *A lógica do fantasma* (1966-1967/2023), Lacan recorre a uma metáfora espacial para demarcar a diferença entre a fantasia neurótica e a fantasia perversa. Comprometida com o recalque, a primeira situa-se em lugares de passagem ou de recolhimento, espaços em que algo se sustenta sob o recobrimento do véu ao passo que a segunda instala-se diretamente no quarto, lugar da cena produzida e exibida, onde já não há pudor a salvaguardar.

Tomem cuidado, que tudo o que se passa com o neurótico se passa essencialmente no banheiro, ou na antecâmara - é a mesma coisa. São muito importantes essas questões de arranjo doméstico – para o homem de prazer do século XVIII, tudo se passava na alcova. Cada um tem o seu lugar. Se quiserem precisões, na fobia, a coisa pode se passar no guarda-roupa, ou no corredor, na cozinha. Na histeria, a coisa se passa no parlatório – parlatório dos conventos de freiras, evidentemente. Na obsessão, na latrina (Lacan, 1966-1967/2023, p.354).

Tal distinção, embora conceitualmente esclarecedora, revela-se menos nítida na experiência clínica. Não é incomum que neuróticos se deixem conduzir por condutas ou fantasias de colorido perverso, o que não implica uma inscrição estrutural. Em formulação de notável sensibilidade e precisão, Brillaud (2023, p. 259) afirma que, independentemente da estrutura, a direção do tratamento se orienta por uma única via: permitir que o paciente reconheça as redes que o enredam.

Importa sublinhar que as páginas que seguem não se orientam por pretensões classificatórias ou diagnósticas, uma vez que, para a psicanálise, poucas coisas se oferecem ao

fechamento. Além disso, tal pretensão seria inviável, pois, ao tomar um filme como objeto de investigação, é fundamental considerar que os cineastas não visam produzir uma ilustração fidedigna da realidade clínica. Trata-se, antes, de uma elaboração estética, frequentemente marcada por certo grau de estilização, condensação ou até mesmo caricatura. Assim, a análise aqui proposta busca adotar um viés especulativo, tomando o material cinematográfico como disparador de questões.

Cabe ressaltar que o esforço em racionalizar uma obra visual acaba por reduzir-se ao seu contorno, e o que daí retorna, embora pareça um ganho de compreensão, termina por diminuir sua potência. Assim, paradoxalmente, mesmo que a proposta seja de levantar questões sobre as narrativas e os personagens, uma obra cinematográfica não supõe uma explicação. Ainda assim, vale arriscar-se na tentativa de, pela linguagem, tatear o que nela se apresenta e deixar que dela surjam novas perguntas.

3.3.1 Séverine: uma possibilidade de gozo

Belle de Jour (1967), dirigido por Luis Buñuel, narra a história de Séverine, uma jovem burguesa que leva uma vida aparentemente estável ao lado do marido, Pierre. Contudo, irrompem fantasias masoquistas que fazem vacilar a ordem impecável sobre a qual parecia se sustentar. Acionada por um gozo que não encontra vias de satisfação no seu cotidiano, ela passa a frequentar uma casa de prostituição durante as tardes. O filme se desenvolve por um tempo psicológico, em que os cortes entre cenas fazem deslizar os limites entre realidade e fantasia, instaurando no olhar do espectador uma incerteza quanto à fronteira que as distingue. Em entrevista, Buñuel comenta que o real e o imaginário se confundem a ponto de ele próprio não conseguir distingui-los, pois ambos lhe aparecem como uma só dimensão (De La Colina; Pérez Turrent, 1994). Uma análise apressada tenderia a situar Séverine no campo da perversão. Considera-se, porém, que a plasticidade da narrativa oferece um fio para a problematização de sua estrutura.

O filme inicia-se com o casal em um passeio de carroça pelos bosques. Após uma declaração de Pierre, Séverine responde de modo evasivo, ao que ele acrescenta: “gostaria que você fosse menos fria”. Com o corpo em recuo, ela limita-se a dizer: “Por favor, Pierre”. O passeio é então interrompido. Pierre conduz Séverine à força para o bosque e, com os cocheiros

sob seu comando, ela é despida, amarrada a uma árvore e submetida à flagelação. Seus gritos sustentam uma ambiguidade que oscila entre pedido de socorro e entonação de prazer.

A sequência se interrompe e o casal aparece em seu quarto, onde há duas camas de solteiro separadas. Pierre lhe pergunta: “No que está pensando, Séverine?”, ao que ela responde: “Em você, em nós, estávamos em uma carroça”. Ele retruca: “Carroça, de novo?”. Desconfia-se que Séverine possivelmente já havia fantasiado com uma cena semelhante. Contudo, o corte expõe a maneira como o fantasiar impregna a realidade, desfazendo as fronteiras entre os dois registros.

Adiante, durante uma conversa, menciona-se uma conhecida que passara a trabalhar em uma casa de prostituição. Séverine decide então procurar o local. Neste momento da análise, recorre-se ao caso Florrie²⁰ retomado por Lacan ao final do seminário *A lógica do fantasma* (1966-1967/2023, p. 353), por se mostrar pertinente para articular à posição de Séverine. O material clínico publicado por Havelock Ellis²¹ mostra-se particularmente relevante aos olhos de Lacan, por levar a considerar que Florrie apresenta todos os traços de uma neurótica, embora se trate, de fato, de uma perversa. Não se sabe se a procura de Séverine pelo bordel corresponderia ao mesmo mecanismo observado em Florrie, cuja excitação chegou a um nível tal que ela passou a reconhecer a necessidade de transpor para a realidade as cenas antes limitadas às fantasias (Brillaud, 2023, p. 287). Florrie tentou satisfazê-las por meio do ato de chicotear-se; essa prática, contudo, mostrou-se insuficiente para alcançar o auge esperado (Brillaud, 2023, p. 287). Em seguida, buscou um parceiro, na tentativa de atingir a intensidade que não encontrava quando recorria a si.

Em *Belle de Jour*, levanta-se a questão de se o “auge procurado” por Séverine corresponderia ao próprio conteúdo de suas fantasias, ser brutalmente espancada, subjugada e humilhada. No entanto, o filme não deixa claro se ela chegou, de fato, a submeter-se a tais experiências. Essa lacuna conduz à hipótese de que o ato de se colocar na posição de prostituta, restrita ao horário entre 14 e 17 horas, teria sido o limite até onde o recalque lhe permitiu avançar. Nesse enquadre, Séverine parece ter esticado sua busca por satisfação até o ponto

²⁰ Ellis, Havelock. *Oeuvres. Volume 7: Le mécanisme des déviations sexuelles, le narcissisme, londinisme, Histoire de Florrie*. Londres: Cercle du Livre Précieux, 1966. p. 21.

²¹ Médico e escritor inglês, considerado um dos fundadores da sexologia, ao lado de Albert Moll e Richard von Krafft-Ebing.

máximo possível, mas algo a teria contido diante de uma realização mais radical. Freud (1905/2016a, p. 56) observa que algumas formas de perversão se afastam da sexualidade considerada “normal” justamente por ultrapassarem as barreiras impostas pelo nojo, pela vergonha e pela moral. Seria, então, essa contenção o indício de que tais resistências ainda se mantêm operantes em Séverine?

Ainda que a cena criada por Séverine possibilite uma certa atualização de seu conteúdo fantasmático, uma instância de impedimento parece operar, barrando a plena consumação do gozo. Que hipóteses poderiam emergir caso ela ultrapassasse esse ponto de suspensão, permitindo a realização integral da fantasia? No caso de Florrie, cabe pensar: se não tivesse buscado o homem que a chicoteasse, teria sido inscrita na neurose? Em *Belle de jour*, parece persistir sempre um resto velado, como se algo da fantasia não encontrasse plena tradução em ato.

Considerando o contexto sócio-histórico dos anos 1960, a sexualidade feminina era submetida a uma ordem de interdição moral e simbólica, efeito de um discurso patriarcal que confinava o corpo da mulher ao espaço doméstico, onde o recalcamento se impunha como via privilegiada de contenção de quaisquer pulsões sexuais. Tal ordem mostra-se ainda mais restritiva para Séverine, cuja posição subjetiva se revela marcada por uma série de resistências internas e pelas limitações impostas por seu meio social.

Em mais de uma cena, Buñuel evidencia as duas camas separadas no quarto do casal. Seria essa uma indicação de que tudo o que pertence à ordem do sexual se encontra barrado do espaço conjugal? O filme delineia a figura de uma mulher cujo desejo permanece adormecido, recalcado, cuidadosamente enclausurado, como trancado a sete chaves. Pequenos gestos como suas esquivas diante da aproximação do marido mostram traços sutis dessa dinâmica. Seria possível supor que, sob a crescente pressão do gozo, Séverine encontrou na clandestinidade sua única forma de resposta? Ao transpor-se para um espaço em que sua identidade se esvai – fluida, quase anônima – ela parece autorizar-se a transgredir, como se apenas ali o gozo pudesse, enfim, insinuar-se. Parece que Séverine não tenha propriamente agido sua fantasia, mas se colocado em uma situação que a aproximasse de sua realização, apenas contornando seu território, num movimento a priori radical, no entanto, ainda contido, como se procurasse manter a distância necessária para não romper inteiramente com o recalque.

Diante das restrições de sua época, ela arranja para si uma espécie de “cena” – perversa ou não –, em que busca dar corpo àquilo que em sua realidade era impossível. Seria, então, Séverine necessariamente perversa, ou seria antes o próprio contexto que, ao interditar seu gozo, a convocou, em seu desespero, a ocupar posições que tangenciam tal classificação?

Danielle Brillaud (2023, p.271) analisa o caso de uma jovem que fora vítima de um abuso coletivo após ter sido drogada, entretanto, por motivos não inteiramente esclarecidos, não apresentou marca traumática. Coincidemente ou não, o nome fantasia adotado para a paciente foi “Séverine²²”. A autora conclui: “Eu não considerei que Séverine fosse gravemente neurótica, nem traumatizada, nem masoquista; ela fez o que pôde com o que lhe acontecera, nem mais nem menos.” (Brillaud, 2023, p. 273). No caso da personagem de *Belle de Jour*, parece ser possível reconhecer algo dessa mesma lógica. Séverine fez o que lhe foi possível diante das circunstâncias que se apresentavam em sua vida. De um marido de quem nada obtinha, partiu em busca, à sua maneira, de algo que pudesse “simular com sua carne a efetivação do que não é em lugar nenhum” (Lacan, 1959-1960/2008a, p. 351).

3.3.2 Vaughan: o gozo final

Em *Crash* (David Cronenberg, 1996), a narrativa se estrutura em torno de James Ballard, diretor de comerciais que, após sobreviver a um grave acidente, confronta-se com a irrupção de um gozo até então desconhecido. Essa convocação encontra ressonância em um grupo fetichista cuja excitação envolve acidentes automobilísticos: presenciar, recriar, assistir ou envolver-se com as colisões e com os vestígios que delas resultam.

Embora a análise que se segue privilegie Vaughan, líder do grupo, a narrativa de Cronenberg mergulha o espectador em cenários desconcertantes, nos quais o sexo encontra sustentação apenas em sua proximidade com a morte. Pela radicalidade de sua submissão ao gozo, Vaughan configura-se como disparador da discussão acerca de um masoquismo – ainda que em constante tensão com o sadismo – articulado sob a égide de uma estrutura perversa.

A fim de situar o leitor na atmosfera do filme, destaca-se a cena do acidente de James. Em uma colisão frontal que resulta na morte do motorista, o corpo é arremessado para fora do

²² Séverine é também o nome do protagonista de *Vênus das Peles*, obra publicada em 1870 pelo escritor austríaco Leopold von Sacher-Masoch.

veículo, e James cruza o olhar com Helen, a recém viúva. O que, supostamente, seria um evento traumático sofre um deslocamento e é investido de erotismo: Helen libera o corpo do cinto, deixando escapar um dos seios.

No corredor do hospital, James tem seu primeiro contato com Vaughan, cuja atenção recai de imediato sobre suas cicatrizes, examinando-as com uma minúcia quase hipnótica. Carrega consigo fotografias de outros corpos igualmente feridos, deixando entrever que sua identidade, naquele momento, é a de um fotógrafo médico. Instala-se uma ambiguidade na qual a análise médica se confunde com a sedução. A cena encerra com uma fala que convoca James a adentrar um novo território: “Cuidaremos disso mais tarde.”

Como já foi assinalado ao longo deste trabalho, em Freud, o masoquismo e o sadismo aparecem como um par indissociável²³. Problematizar um implica necessariamente a convocação do outro.

Quem tem prazer em causar dor aos outros nas relações sexuais também é capaz de fruir, como um prazer, a dor que tais relações lhe proporcionarem. Um sádico sempre é, simultaneamente, um masoquista, embora o lado ativo ou lado passivo da perversão esteja mais desenvolvido nele e constitua sua atividade sexual predominante (Freud, 1905/2016a, p. 54).

Danielle Brillaud (2023), ao analisar um caso de perversão, pontua a fala do paciente: “Eu gosto de acariciar essa cicatriz. Ele tem também algumas sequelas na perna” (Brillaud, 2023, p. 250). Tomada isoladamente, tal preferência não é suficiente para indicar um funcionamento sádico ou masoquista, tampouco para sustentar a hipótese de uma estrutura perversa. Ainda assim, pode indicar uma relação de gozo que se inscreve nessa dimensão. Evidentemente, não se trata de tomar um significante isolado como dado diagnóstico, mas de considerar a articulação que ele estabelece com outros significantes.

O que é a cicatriz senão o vestígio real de uma experiência traumática e, ao mesmo tempo, o signo de sua superação? É inegável que Vaughan demonstra uma fixação tanto nas suas cicatrizes quanto nas do corpo do outro, revelando uma posição ao mesmo tempo masoquista e sádica. Tomada no registro simbólico, parece inevitável associá-la às marcas do trauma inaugural que funda o sujeito²⁴. Seriam, então, as cicatrizes uma atualização no real do

²³ Segundo Lacan (1962-1963/2005, p. 196), o vínculo entre sadismo e masoquismo não deve ser entendido como uma simples relação de inversão ou simetria oposta; eles não constituem um par reversível, pois a estrutura que os articula é de ordem muito mais complexa.

²⁴ Em *Bate-se numa criança* (1919), Freud utiliza esse significante para designar as fixações perversas como marcas

suposto triunfo sobre a castração, substituto do falo perdido e elevadas à função de objeto fetiche?

Cenas mais adiante, Helen e James se encontram para assistir a um espetáculo conduzido e protagonizado por Vaughan. Trata-se de reencenações de acidentes fatais que se tornaram célebres, entre eles, o de James Dean²⁵. Observa-se, mais uma vez, o empenho do personagem em sustentar-se numa posição à margem da falta. A reencenação parece configurar-se como a via escolhida para dar corpo no real – triunfando sobre o interdito último, a morte – ao que desmente no simbólico. Após a violenta colisão, ainda marcado fisicamente pelo impacto, ele enuncia: “James Dean morreu com o pescoço partido e tornou-se imortal.” Tal formulação revela-se particularmente significativa para a compreensão da estrutura do personagem, na medida em que condensa a lógica do desmentido. Reconhece a morte e, simultaneamente, a nega, situando o outro numa posição imaginária de exceção, fora, acima e para além dela.

Fica evidente, a essa altura, que um dos principais indícios de uma economia masoquista é a tendência do sujeito em extrair gozo da satisfação da pulsão de morte. Portanto, a encenação, ao mesmo tempo em que coloca em risco sua vida, o excita, dando forma visível à sua adesão à dor enquanto forma de prazer.

Ainda no contexto desse espetáculo, há um ponto essencial a ser destacado, o olhar. Mais uma vez, o caso de Florrie revela-se pertinente à discussão. Sob um pseudônimo, ela publica, em jornais, textos de oposição às sufragistas e ao voto feminino, nos quais reivindica sem constrangimento o direito do marido de impor-lhe castigos. Brillaud (2023, p. 286) observa que o gesto de expor publicamente suas fantasias revela a necessidade de Florrie em produzir seu gozo a partir do olhar do Outro. Do mesmo modo faz Vaughan ao se oferecer ao olhar de uma plateia.

Ratifica igualmente sua posição “do lado do fato de que o Outro existe” (Lacan, 1968-1969/2006, p. 245), pois, ao se expor, cumpre seu outro objetivo: fazer-se objeto para preencher a falta no Outro. Pode-se supor que se trate de uma cena em que essa dimensão se

deixadas pelo complexo de Édipo (Freud, 1919/2016b, p.140).

²⁵ Ator norte-americano falecido em um acidente automobilístico na Califórnia, em 30 de setembro de 1955, aos 24 anos.

torna particularmente evidente, quase caricatural, uma vez que a plateia parece compor-se de pessoas que buscam uma modalidade de gozo que lhes falta.

Assim, sua conduta parece ecoar a formulação de Lacan citada anteriormente segundo a qual o masoquista constrói “uma situação regulada previamente e em todos os seus detalhes” (Lacan, 1966-1967/2023, p. 266), conduzindo meticulosamente seu roteiro, em um aparente domínio quase absoluto sobre a cena.

Em certo momento, a polícia intervém e encerra o “show”. Vaughan reage à interdição afirmando: “Não são policiais, são agentes de trânsito. São uma piada. Não sabem quem somos.” A resposta não constitui um simples detalhe de enredo, mas condensa algo fundamental de sua posição diante da lei. Ao mesmo tempo em que desautoriza o interdito, institui um outro princípio, faz valer o seu próprio. Poucas cenas depois, apresenta um arquivo fotográfico de acidentes e mostra as imagens do corpo mutilado da esposa, enquanto tenta seduzir James, explicitando o que nomeia como seu “projeto”: “É algo ao qual todos estamos intimamente ligados: a reformulação do corpo humano pela tecnologia moderna.” Como visto anteriormente, o perverso é comandado por um imperativo categórico, uma lei que se impõe com a força da lei da natureza, como se encerrasse uma verdade única e incontestável. Em Vaughan, essa lei parece encontrar realização no seu projeto, na medida em que ele o toma como seu único operador, seu princípio de verdade. Ele se mostra inteiramente submetido, orientando todas as suas ações no sentido de realizá-lo. No lugar da lei do pai, em parte fracassada, Vaughan retoma tal lei e a rearticula segundo seu gozo.

Conclui-se esta análise com uma fala emblemática do personagem, um dizer que, por si só, já fala demais, ao tocar em algo da verdade quanto à sua posição subjetiva: “Um acidente de carro é muito mais um fertilizante do que um evento destrutivo. Uma liberação de energia sexual medindo a sexualidade daqueles que morrem com tamanha intensidade que é impossível de outra forma. Vivenciar isso é o meu projeto”. A meta derradeira de sua existência se realiza quando, em uma perseguição, perde o controle, cruza a mureta da estrada e lança-se contra um ônibus. Assim, ao afirmar-se em sua completude ilusória, o gozo absoluto revela-se necessariamente mortífero. “Para Vaughan, o desastre de carro e sua própria sexualidade haviam celebrado o casamento final” (Ballard, 1973/1995, p. 11).

CONCLUSÃO

Buscou-se, neste trabalho, aproximar o olhar para o campo enigmático do masoquismo, partindo do pressuposto de que toda tentativa de elucidá-lo esbarra no limite de seu próprio paradoxo. Para tanto, procurou-se acompanhar o modo como o conceito se desloca em Freud, da primeira à segunda tópica, na qual o masoquismo adquire um lugar decisivo no novo dualismo pulsional. A especificidade do masoquismo enquanto perversão mostrou-se incontornável, uma vez que nela se condensam, em uma mesma posição subjetiva, dois grandes impasses da teoria psicanalítica. Nesse ponto, encontraram-se em Lacan articulações que se revelaram valiosas e imprescindíveis, permitindo, entre tropeços e errâncias, seguir adiante.

O ponto de partida em *Psychopathia Sexualis* (1886) e a referência aos escritos de Sacher-Masoch permitiu identificar o momento em que o masoquismo deixou de ocupar um lugar obscuro e sem nome, ganhando articulação no discurso cultural, psiquiátrico e sexológico.

A análise do masoquismo, tal como aparece no marco inaugural dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), permitiu compreender que se trata de uma dimensão possível da sexualidade infantil, na medida em que a残酷 se encontra ligada à sexualidade de forma indissociável. Em seguida, pode-se observar que a concepção sádica do ato sexual na cena primária pode deixar uma marca para o desenvolvimento posterior de uma economia pulsional masoquista, como se evidenciou, ainda que brevemente, no caso do “Homem dos lobos”. Contudo, entre as principais contribuições destacou-se a noção de coexcitação, pela qual se reconheceu a possibilidade de a excitação sexual advir da dor e do sofrimento.

Observou-se que, nas formulações da primeira tópica, o masoquismo alcançou sua elaboração mais precisa no ensaio *As pulsões e seus destinos* (1915). Nessa perspectiva, o sadismo foi entendido como a pulsão originária, voltada inicialmente à agressividade dirigida a um objeto externo, da qual o masoquismo derivaria por meio de uma inversão e de um retorno sobre o próprio Eu. O olhar dirigido à fantasia de surra possibilitou compreender não apenas como Freud concebia, naquele momento, uma gênese possível das perversões, mas também a relevância da fantasia enquanto formadora da posição subjetiva e de seus efeitos sobre o sujeito.

A introdução do conceito de pulsão de morte permitiu compreender como essa formulação abalou profundamente o edifício teórico da psicanálise, ao mesmo tempo em que lhe conferiu maior consistência conceitual, sobretudo no que se refere à nova elaboração do

masoquismo. Observou-se, nesse momento, uma inversão: o masoquismo, que até então era concebido como derivado do sadismo, passou a ser compreendido como uma regressão a um estágio anterior. Percebe-se, assim, que foi nesse percurso teórico que Freud encontrou a possibilidade de formular a noção de masoquismo primário, articulando-a como vestígio da fusão e desfusão entre as pulsões de vida e de morte.

Em seguida, reconheceu-se nesse resto da pulsão de morte o alicerce sobre o qual se estruturam as manifestações secundárias do masoquismo. No chamado masoquismo feminino, tornou-se possível entrever como Freud articulou a aderência à satisfação no sofrimento àquilo que nomeava essência feminina, distinguindo tal posição do que se poderia compreender como a condição de ser mulher. Lacan acabou por subverter essa perspectiva, ao mostrar que se tratava, na verdade, de uma fantasia masculina. O masoquismo moral, por sua vez, revelou-se como uma forma de organização subjetiva em que o sujeito se vê impelido a converter todo êxito em fracasso, inclusive no próprio processo analítico. Essa formulação possibilitou compreender por que Freud conferiu maior relevo a essa modalidade do masoquismo, ao ver nela uma resposta ao sentimento de culpa, noção tão cara à psicanálise.

No último capítulo, abordou-se o masoquismo em sua especificidade no campo da perversão, e a incorporação da leitura lacaniana mostrou-se decisiva para o avanço da discussão. A análise da perversão revelou-se densa e complexa, permitindo reconhecer que a sexualidade, em toda a sua extensão, comporta um traço estruturalmente perverso, o que exigiu uma reflexão sobre os limites e as dificuldades de definição do conceito. Verificou-se também que a perversão pode ser entendida como aquilo que a neurose precisou recalcar para se constituir enquanto tal. A oposição que, em Freud, configurava-se entre sintoma, de um lado, e fantasia e ato, de outro, foi retomada por Lacan, que deslocou a fantasia para o campo da neurose. Essa elaboração possibilitou situar a fantasia como uma espécie de carência do desejo neurótico.

A partir do conceito de *Verleugnung*, buscou-se aprofundar a leitura lacaniana e levantar questões sobre sua extrema complexidade. Para elucidar, ainda que minimamente, tal dinâmica, procurou-se retomar o que Lacan formulou acerca do “ponto de ancoragem” das perversões, identificado na assunção fálica da criança. Essa perspectiva permitiu lançar luz sobre a forma como o perverso encontra na sua queda enquanto sujeito a maneira de preencher a falta no Outro – e que daí extrai seu gozo – sustentando-se na crença de que o Outro existe.

Em seguida, adotou-se um tom mais especulativo, questionando até que ponto as estruturas próprias do funcionamento perverso se intensificavam em sua especificidade masoquista. Observou-se que a posição objetal é duplamente almejada pelo perverso masoquista: ele passa a ser o objeto que vem completar a falta no Outro ao mesmo tempo em que extrai todo o seu gozo precisamente dessa operação. Além disso, propôs-se que, ao submeter-se integralmente à lei, o sujeito se aproxima do gozo em sua dimensão mortífera – destino ao qual o masoquista parece aderir de modo mais radical, orientado pela satisfação da pulsão de morte.

Com Vaughan e Séverine, a discussão encaminhou-se para um registro mais concreto, conferindo corpo e imagem a um tema que, no plano teórico, tende a permanecer abstrato. As duas obras foram tomadas como disparadores de reflexões sobre a estrutura perversa e masoquista e as múltiplas formas de manifestação do gozo que nela se articulam.

Para concluir, a investigação de um tema como o masoquismo não poderia senão evidenciar o próprio estatuto da psicanálise como um trabalho que se sustenta no inacabamento e que encontra justamente nessa via sua consistência. Trata-se de um campo em permanente movimento, articulado entre o que se busca apreender e o que inevitavelmente escapa, sendo nesse resto que reside sua potência enquanto práxis. Em Lacan, reconhece-se que tal lógica nada mais faz do que refletir a condição do sujeito em sua equivocidade e falta. Portanto, mostrou-se mais fecundo inaugurar um caminho possível, elucidando certas questões e complexificando outras que talvez jamais venham a se esclarecer por completo. Tal impasse, antes que um limite, configura uma abertura – uma janela a partir da qual se possa continuar seguindo.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Tatiane de; BIRMAN, Joel. *A irredutibilidade ética do sujeito: Lacan entre Kant e Sade*. Rev. Filos., Aurora, Curitiba, v. 33, n. 58, p. 169-192, jan./abr. 2021.

BALADIER, C. Culpa. In: KAUFMANN, Pierre (Org.). *Dicionário encyclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Tradução da edição francesa de 1993. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 104–110.

BALBURE, Brigitte. Pulsão. In: CHEMAMA, Roland; VANDERMERSCH, Bernard. *Dicionário de Psicanálise*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007. p. 320–324.

BALLARD, J. G. *Crash: estranhos prazeres*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BELLE DE JOUR. Direção: Luis Buñuel. França: Cinéproductions, 1967. Filme.

BRILLAUD, Danielle. *Classificação lacaniana das estruturas subjetivas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2023.

CHEMAMA, Roland. Masoquismo. In: CHEMAMA, Roland; VANDERMERSCH, Bernard. *Dicionário de Psicanálise*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007. p. 242–243.

CHEMAMA, Roland. Outro. In: CHEMAMA, Roland; VANDERMERSCH, Bernard. *Dicionário de Psicanálise*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007. p. 282–283.

CRASH. Direção: Paul Haggis. Estados Unidos: Lions Gate Films; Bob Yari Productions, 2004. Filme.

DE LA COLINA, José; PÉREZ TURRENT, Tomás. *Objects of Desire: Conversations with Luis Buñuel*. Edição e tradução de Paul Lenti. New York: Marsilio, 1994.

DELEUZE, Gilles. *Apresentação de Sacher-Masoch: o frio e o cruel: com o texto integral de "A Vénus das peles"*. Tradução de Jorge Bastos. Revisão de Luís Otávio P. Barreto Leite. Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora, 1983.

DOR, Joel. Perversão. In: KAUFMANN, Pierre (Org.). *Dicionário encyclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Tradução da edição francesa de 1993. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 415–423.

FERENCZI, Sándor. Estágios de desenvolvimento do sentido de realidade (1913). In: FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer* 1920. Belo Horizonte; São Paulo: Autêntica, 2020. p. 145.

FERENCZI, Sándor. A criança mal acolhida e sua pulsão de morte (1929). In: FERENCZI, Sándor. *Obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. v. 4, p. 47–51.

FERENCZI, Sándor. Do princípio masculino e feminino na natureza (1932). In: FERENCZI, Sándor. *Diário Clínico*. São Paulo: Martins Fontes, 1985. p. 74–76.

FINK, Bruce. *Introdução clínica à psicanálise lacaniana* (1999). Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no Collège de France (1974–1975)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer* (1920). Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte; São Paulo: Autêntica, 2020.

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016a.

FREUD, Sigmund. Bate-se numa criança (1919). In: FREUD, Sigmund. *Neurose, psicose e perversão*. Belo Horizonte; São Paulo: Autêntica, 2016b. p.123–153.

FREUD, Sigmund. A perda da realidade na neurose e na psicose (1924). In: FREUD, Sigmund. *Neurose, psicose e perversão*. Belo Horizonte; São Paulo: Autêntica, 2016c. p. 279–284.

FREUD, Sigmund. O problema econômico do masoquismo (1924). In: FREUD, Sigmund. *Neurose, psicose e perversão*. Belo Horizonte; São Paulo: Autêntica, 2016d. p.287–301.

FREUD, Sigmund. Fetichismo (1927). In: FREUD, Sigmund. *Neurose, psicose e perversão*. Belo Horizonte; São Paulo: Autêntica, 2016e. p.315–322.

FREUD, Sigmund. A organização genital infantil (1923). In: FREUD, Sigmund. *O eu e o id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a. p. 168–183.

FREUD, Sigmund. O eu e o id (1923). In: FREUD, Sigmund. *O eu e o id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b. p. 13–74.

FREUD, Sigmund. As fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade (1908). In: FREUD, Sigmund. *O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 192–197 (Obras completas, v. 8).

FREUD, Sigmund. *As pulsões e seus destinos* (1915). Belo Horizonte; São Paulo: Autêntica, 2013.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia (1917 [1915]). In: FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. p. 127–144.

FREUD, Sigmund. História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”) (1918). In: FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”)*, Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. p. 13–120.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c. p. 13–122.

FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável (1937/1950). Disponível em: https://www.academia.edu/31803141/AN%C3%81LISE_TERMIN%C3%81VEL_E_INTERMIN%C3%81VEL_1937. Acesso em: 14 de out. de 2025.

FREUD, Sigmund. A história do movimento psicanalítico (1914). Disponível em: <https://blogpsicologiblog.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/01/freud14.pdf>. Acesso em: 25 de set. de 2025.

HANNS, Luiz Alberto. Negação (1): Recusa da realidade, Renegação: *Verleugnung*. In: HANNS, Luiz Alberto. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 303–313.

HILTENBRAND, Jean-Paul. Perversão. In: CHEMAMA, Roland; VANDERMERSCH, Bernard. *Dicionário de Psicanálise*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007. p. 293–295.

KAUFMANN, Pierre. Pulsão. In: KAUFMANN, Pierre (Org.). *Dicionário encyclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Tradução da edição francesa de 1993. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 436–441.

KRAFFT-EBING, Richard von. *Psychopathia sexualis* (1886). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 14: A lógica do fantasma* (1966–1967). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise* (1959–1960). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 10: A angústia* (1962–1963). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente* (1957–1958). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1959). In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.537–590.

LACAN, Jacques. Kant com Sade (1962). In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 776–803.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 3: As psicoses* (1955–1956). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LAMBOTTE, M. Narcisismo. In: KAUFMANN, Pierre (Org.). *Dicionário encyclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Tradução da edição francesa de 1993. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 347–356.

MILLER, Jacques-Alain. *O osso de uma análise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

SAFATLE, Vladimir. *A paixão do negativo: Lacan e a dialética*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

SOUZA, E. L. André de. Compulsão à repetição. In: KAUFMANN, Pierre (Org.). *Dicionário encyclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Tradução da edição francesa de 1993. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 448–453.

VANDERMERSCH, Bernard. Culpa. In: CHEMAMA, Roland; VANDERMERSCH, Bernard. *Dicionário de Psicanálise*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007. p. 81–82.